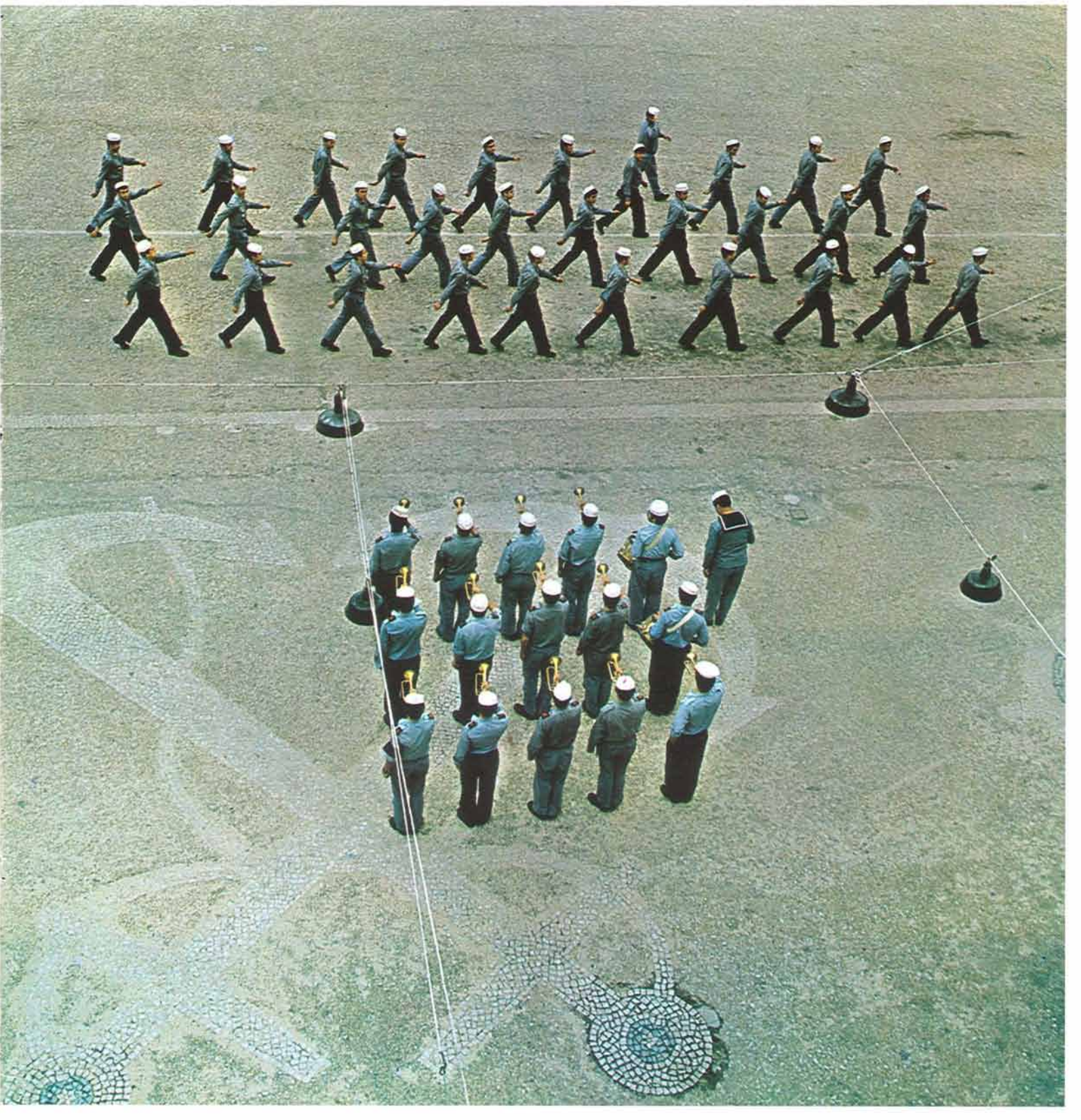
N.º 26 / NOVEMBRO 1973 / ANO III

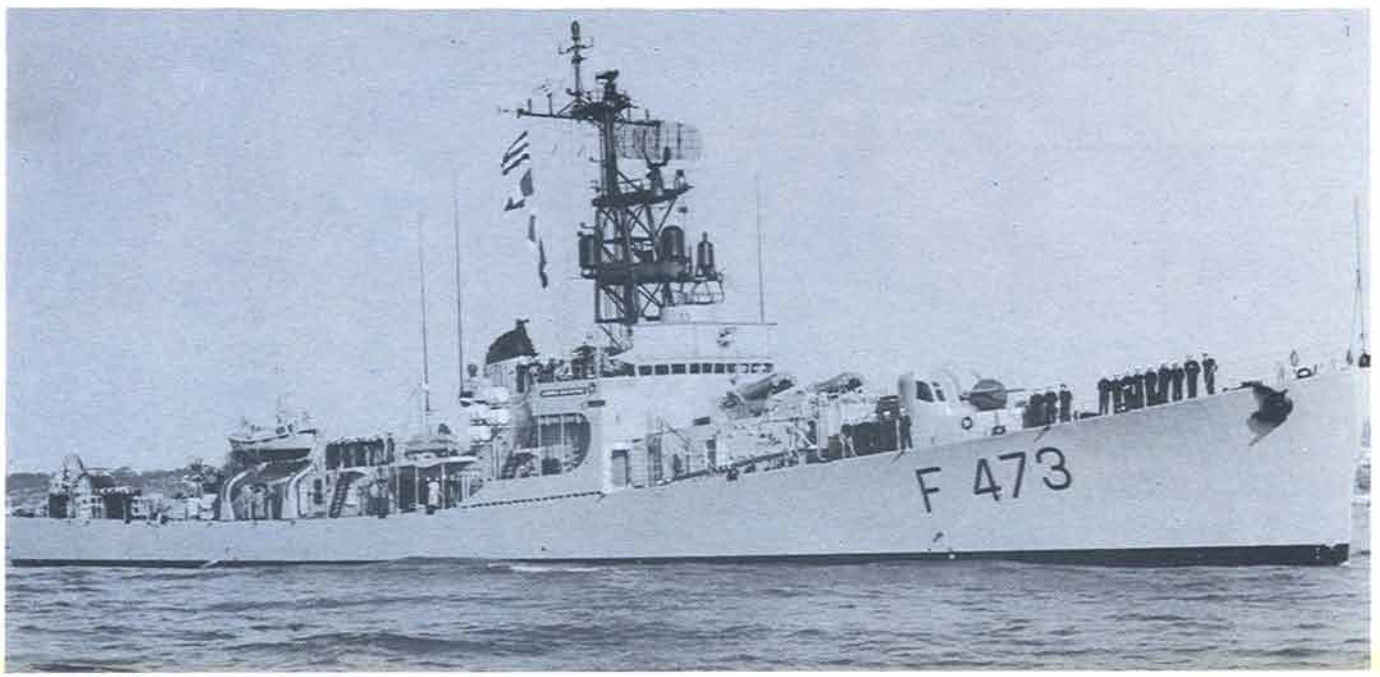
revista da ARMADA



sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
A. Marques	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	4
Y. Blondel	**Ele e Eu... Não é estranho?**	5
P. Caneiras	**Viagem**	6
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	7
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** O Românico – *Um estilo tradicional em Portugal*	8
Redacção / M. Horta	**Notícias Pessoais**	13
S. Machado	**Este Curioso Ofício de Pintar...**	14
S. Elpídio	**Saibam Todos**	17
S. Machado	**Conhece a Torre de Belém?**	18
Redacção	**Voz da Abita**	21
G. Brandão / A. Vieira	**Filatelia**	22
A. Fonseca	**Desportos**	24
B. Carreira / S. Elpídio	**Curiosidades**	25
S. Elpídio	**Reportagem**	26
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

Fragata «Almirante Gago Coutinho»



REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 26 / NOVEMBRO DE 1973 / ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Ilhas (via aérea) 59$00
Ultramar (via aérea) 113$00

Na capa

GRUPO N.º 2 DE ESCOLAS DA ARMADA – A caminho das Aulas.
(Foto de A. Fernandes, Fotóg. do Gab. de Fotogr. do E. M. A.)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

A TODOS OS QUE DEIXAM O SERVIÇO... COM SAUDADES

Alguém disse que saudade é a palavra mais bonita da língua portuguesa. Tem razão esse alguém. Para mim, é não só a mais bonita mas também a mais significativa. Na verdade, ela encerra tudo o que ficou para trás na nossa vida e que vale a pena recordar. Quando se tem saudades, é sempre de alguma coisa cuja lembrança é agradável ou de alguém que nos foi querido. O resto é para esquecer...

Saudades todos as têm mas nós, marinheiros, mais que ninguém. Saudades dos navios em que andámos embarcados e das suas guarnições, saudades das terras que visitámos e das gentes que lá conhecemos, saudades das vagas e do cheiro a maresia, e saudades, muitas saudades, desse grande mar, manso como um cordeiro algumas vezes e bravo como um leão outras!
Creio que não há nenhum marinheiro digno desse nome que consiga libertar-se desse feitiço do mar, tão fundo... tão azul...

Com.

EFEMÉRIDES NAVAIS
Relativas ao mês de Novembro

CINQUENTÁRIO DO FAROL DO CABO MONDEGO (FAROL NOVO)

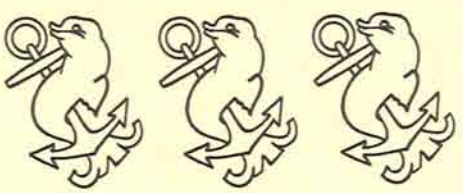
Fez no dia 20 de Novembro do ano findo 50 anos que pela primeira vez os raios luminosos do Farol Novo do cabo Mondego rasgaram as trevas da noite, para guia e orientação daqueles que, nas águas do oceano, ganham o pão de cada dia.

Situado na vertente oeste da serra da Boa Viagem ou Santa Marinha, no cabo Mondego, cerca de 3 milhas e meia a N.N.O. da barra da Figueira da Foz, veio substituir um outro mais antigo do qual se podem ainda ver as ruínas e que foi inaugurado em 1857, tendo sido executado por administração directa do Ministério das Obras Públicas. Comércio e Indústria, sob a orientação do capitão-tenente Francisco Maria Pereira da Silva, importando o seu custo em 2769$000 réis.

O seu alcance luminoso era então de 20 milhas, sendo o único existente entre a ilha da Berlenga e a foz do Douro. Para se conseguir melhor visibilidade foi transferido para o actual local, cerca de 1000 metros a norte, e dotado dos mais modernos aperfeiçoamentos, quer mecânicos quer eléctricos.

Albano Gil Marques
2.º-faroleiro

Perguntas... Com Cocha



1 – Bico é boca de ave?
2 – Bico de papagaio é espondilose?
3 – Já provou bife da Terra Nova?
4 – Em que sítio crescem os bigodes?
5 – Bigorrilha é pessoa desprezível?
6 – Uma boa tença é pensão rendosa?
7 – E uma boa volta é curva bem dada?
8 – Boca de lobo é capaz de morder?
9 – E boca do rio, fala?
10 – Boca extrema está muito afastada?

Respostas... Descochadas

1 – É termo de calão náutico que se refere à proa do navio.
2 – Bico de papagaio é o nome que também se dá à unha da âncora.
3 – É também termo de calão para significar bacalhau.
4 – Chamam-se bigodes à água levantada num arco espumoso pela roda de proa do navio em movimento, tanto maior quanto a velocidade deste.
5 – Bigorrilha é o nome de um ponto de coser.
6 – É a boa qualidade do fundo que dá segura presa à âncora; o melhor fundo é o de barro, depois o de lodo e finalmente o fundo de areia.
7 – Boa volta é um tipo de mareação em que a verga do latino encosta ao mastro por sotavento; é o contrário da mareação sobre o pau.
8 – A boca de lobo é um cavado semicircular na extremidade de dentro da carangueja, retranca, cevadeira ou pau do pica-peixe que encosta ao mastro; dá-se também esta designação a um nó feito em estropo para encurtar a lingada e a um corte semicircular ou circular feito num toldo para dar passagem a cabos fixos, escadas, mastros, etc.
9 – A boca do rio é a foz do rio.
10 – Boca extrema é a máxima largura do navio ou embarcação, medida entre os extremos exteriores do forro ou da cinta permanente do casco; designa-se também esta medida por boca por fora e boca do forro.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

ELE e EU ... não é estranho?

Quando ele não acaba o seu trabalho, digo: é preguiçoso.
Quando eu não acabo o meu trabalho, digo: estou muito [ocupado.

Quando ele fala de alguém é maledicência.
Quando eu falo de alguém é crítica construtiva.

Quando ele mantém o seu ponto de vista é teimoso.
Quando eu mantenho o meu ponto de vista sou firme.

Quando ele não me fala é uma afronta.
Quando eu não lhe falo é um simples esquecimento.

Quando ele demora muito tempo a fazer qualquer coisa [é lento.
Quando eu demoro muito tempo a fazer qualquer coisa [sou cuidadoso.

Quando ele é amável é porque tem uma segunda intenção.
Quando eu sou amável é porque sou virtuoso.

Quando ele vê os dois aspectos de uma questão é um [oportunista.
Quando eu vejo os dois lados de uma questão sou largo [de espírito.

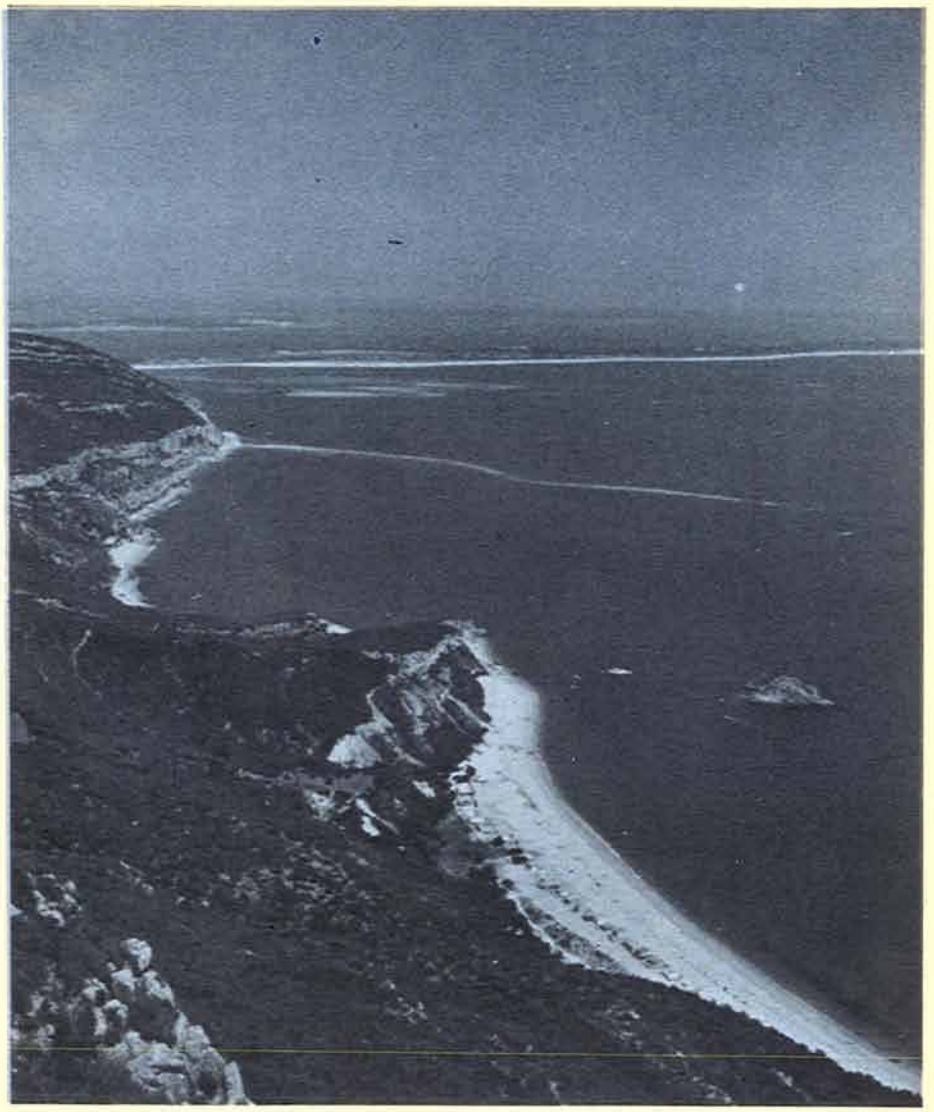
Quando ele é rápido a fazer qualquer coisa é descuidado.
Quando eu sou rápido a fazer qualquer coisa sou hábil.

Quando ele faz qualquer coisa sem lhe pedirem mete-se [naquilo que não lhe diz respeito.
Quando eu faço qualquer coisa sem que mo peçam tenho [iniciativa.

Quando ele defende os seus direitos é um mau feitio.
Quando eu defendo os meus direitos mostro que tenho [carácter.

SIM... É MUITO ESTRANHO.

Y. Blondel



(Foto do subtenente RN L. C. Gaspar)

VIAGEM

Por que acres águas navegamos?
Em que vento sem noite nos perdemos?
Entre que espuma, sem saber, esquecemos
Os nomes dos dias que calamos?

O olhar sem olhos que levamos,
A boca sem palavras que tememos,
Aquela inútil mão, que estendemos,
Para agarrar o tempo que matamos...

Ficamos verticais como esperando
Não sei o quê, de costas para o Mundo
Em silêncio e mistério caminhando...

Navegamos na noite do futuro
Lá longe onde o mistério é mais profundo
E a ausência se levanta como um muro...

Palma Caneiras
3.º of. do Q. P. C. M. M.

a Pátria honrai

A PÁTRIA HONRAI

Ao marinheiro fuzileiro especial n.º 905/66 RAMIRO MARQUES ANTUNES foi atribuída a medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe que vem justamente premiar o conjunto de qualidades de que é possuidor – elevada coragem, decisão, sangue-frio, abnegação e serena energia debaixo de fogo – que fazem que seja considerado valioso elemento do seu Destacamento.

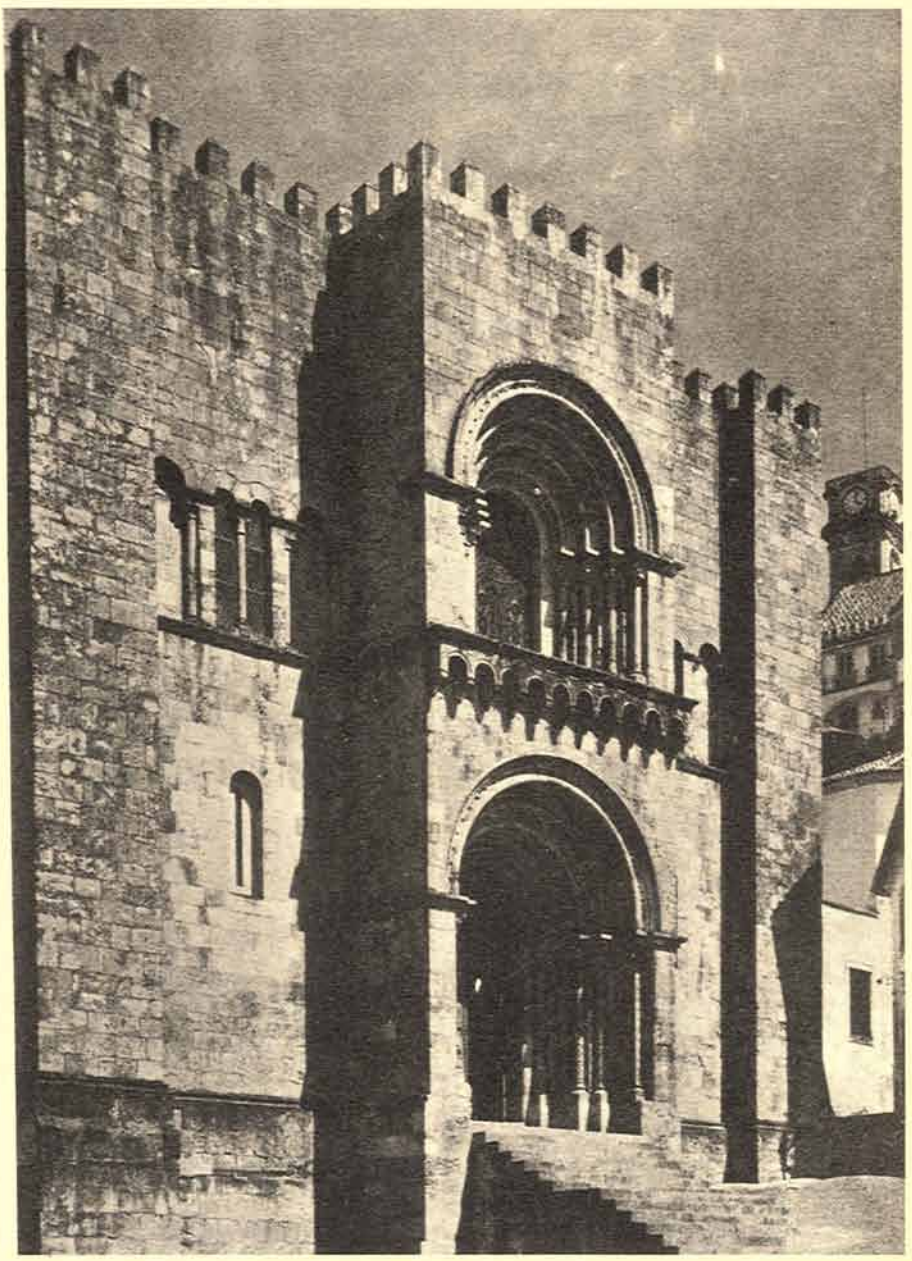
Numa acção de patrulha num rio de Moçambique, tendo sido nomeado como escolta, sofreu o seu bote forte e bem montada emboscada de numeroso grupo inimigo de que resultou acto contínuo ferimentos de certa gravidade em alguns dos seus camaradas. Reagindo o marinheiro ANTUNES pronta e corajosamente, debaixo de fogo intenso, conseguiu pôr em debandada o grupo inimigo e salvar a situação que ameaçava vir a ter consequências muito mais graves.

N.R. – *O marinheiro ANTUNES é natural do Cacém, concelho de Sintra.*

O ROMÂNICO

UM ESTILO TRADICIONAL EM PORTUGAL

Sé Velha de Coimbra. Fachada principal

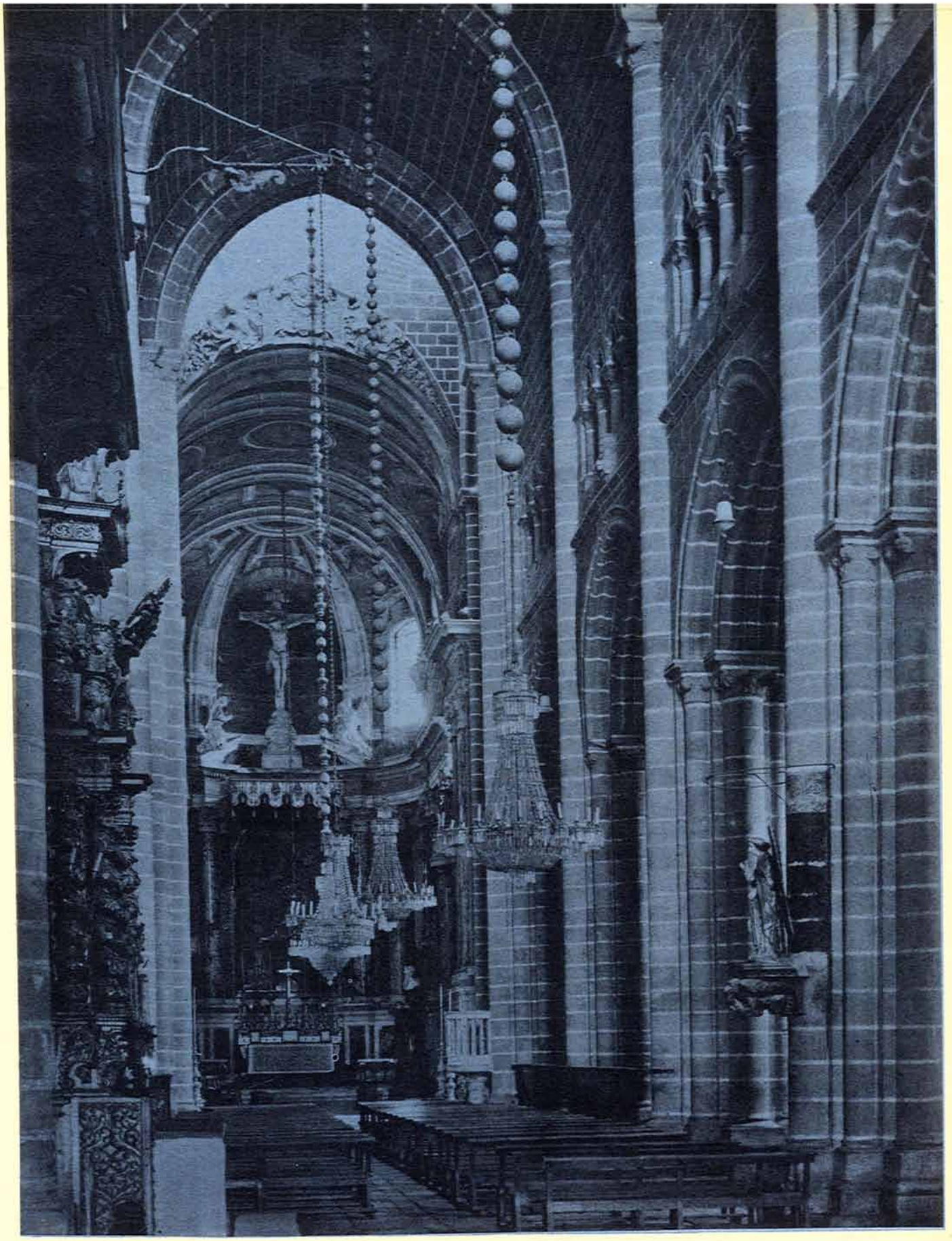


Quem percorrer o País, sobretudo o Norte, deparará, se tem a intenção de visitar lugares de interesse turístico, com inúmeras referências ao estilo românico em monumentos (de carácter predominantemente religioso) e em objectos, nomeadamente no âmbito da ourivesaria e mobiliário. No entanto, são os monumentos, majestosos ou singelos, que suscitam a curiosidade do visitante pela sua imponência austera ou pela beleza elegíaca das suas linhas simples ou ainda pela presença humilde em paisagens idílicas.

O estilo românico estendeu-se a toda a Península quando se deu a reconquista do território aos árabes, e foi trazido de França. Na realidade, à medida que se fazia a expansão cristã, os bispos, na sua maioria franceses, oriundos de Cluny ou Moissac, ao erguerem as suas catedrais como cabeça de diocese, socorreram-se da experiência e técnica dos arquitectos franceses. O românico é portanto um estilo que se generalizou em Portugal no século XII, mas a Nação de tal forma se identificou com esse estilo que lhe permaneceu fiel, com influências significativas na arquitectura, pelos séculos que se seguiram. A primeira diocese foi a de Braga pelo que a sua Sé é a mais antiga de quantas se er-

Sé Velha de Coimbra. Nave

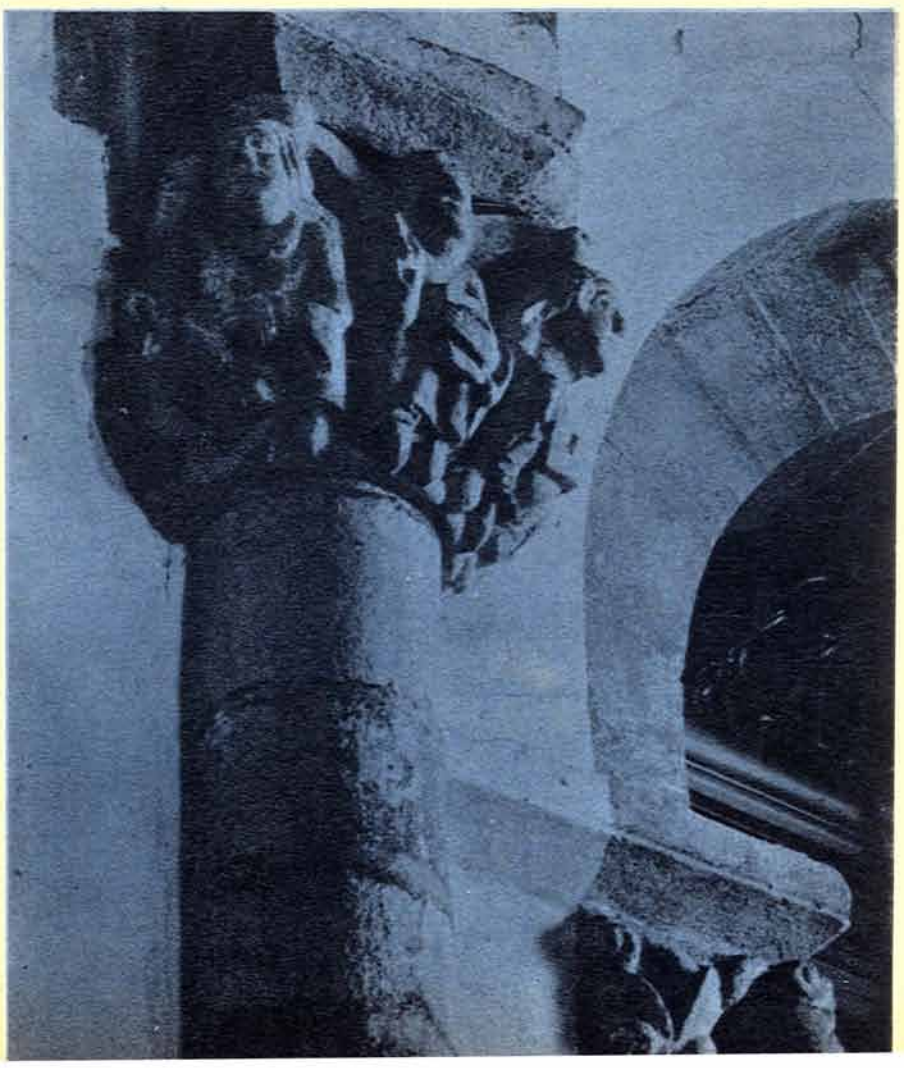
gueram na jovem Nação, acabada de sair do Condado Portucalense. Todavia, as transformações e restauros que a Sé sofreu modificaram-lhe o estilo em muitos aspectos embora conserve ainda os traços basilares do românico. O monumento mais genuíno, por ter conservado até aos dias de hoje a traça primitiva, é a Sé Velha de Coimbra. Os elementos característicos da arquitectura românica são a planta (em regra com três naves abobadadas, terminando na zona do altar-mor com uma ábside circular com dois absidíolos laterais, todos com abóbada) e os arcos em semicircunferência (arcos redondos). Na Sé Velha de Coimbra, como na de Lisboa, a nave central é coberta por uma abóbada de berço ou meio canhão reforçada por arcos torais que se vêm apoiar nas colunas que a sustentam. Por sobre os arcos laterais, também redondos, da nave principal, abre-se, o trifório, espécie de varanda com arcadas sustentadas por colunas. O trifório é uma característica das catedrais românicas e pode ser de grande singeleza e austeridade, como o da Sé Velha, com dois vãos apenas, ou mais elaborado, como o da Sé de Lisboa, com quatro vãos, ou o da de Évora, com cinco. A Sé de Lisboa, apresenta ainda arcos redondos, mas a de Évora, construída mais tarde, tem já arcos e abóbada partidos, isto é, arcos ligeiramente apontados, que convém não confundir com os arcos ogivais do gótico. Os dois tipos de arcos são igualmente característicos do românico. Construiram-se nos séculos XII e XIII várias catedrais de que cada cidade se orgulhava, mas o tempo, o terramoto e outras vicissitudes fizeram perder, à maioria delas, o seu carácter românico primitivo. A fachada é em regra um elemento característico deste estilo. O portal abre-se num nártex, espécie de saliência ou estrutura destacada do plano da fachada, como em Coimbra, ou entalada entre as torres, como em Lisboa e Évora. Este portal é constituído por vários arcos redondos (ou nalguns casos levemente apontados) que vão diminuindo de raio à medida que progridem para o interior. Estes arcos, chamados arquivoltas, assentam sobre pilastras de secção quadrangular e colunas com capitéis que podem ser embutidos naquelas pilastras ou salientes e individualizados. Tanto as arquivoltas como as colunas e os capitéis podem ser ou não esculpidos. Nas catedrais são em regra esculpidos com motivos quer geométricos quer antropomórficos (com figuras de santos geralmente) ou zoomórficos (de preferência animais quiméricos). Sobre o portal ergue-se normalmente uma rosácea ou, como no caso de Coimbra, um janelão com estrutura semelhante à do portal. Nas fachadas laterais e na ábside (zona do



Sé de Évora. Nave central

altar-mor) abrem-se quase sempre frestas rasgadas e rematadas ao alto por arcos redondos que por vezes assentam também sobre colunas. Destinam-se à iluminação interior. Não raro os muros são ameados, dando às Sés o carácter de igrejas-fortalezas que, na realidade, muitas vezes tinham. Se as catedrais românicas nos empolgam pela majestade austera e imponência monolítica das suas linhas simples ou pelo seu encanto quando nos surgem transfigura-

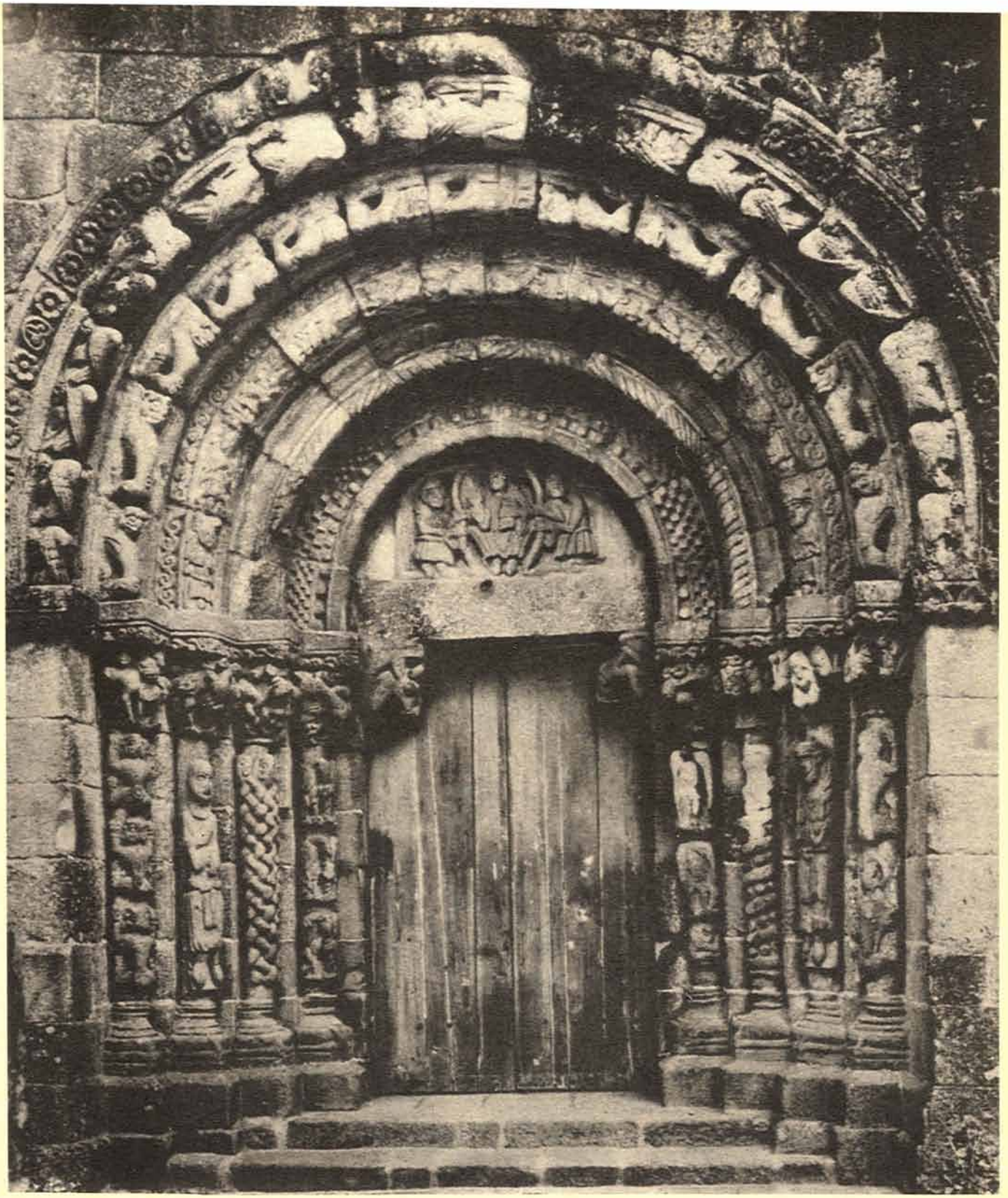
Igreja de Boelhe



das pela luz rasante e fulva dos poentes que, entrando pelas rosáceas e frestas, empresta ao interior um recolhimento e ambiente místicos perturbantes, são, no entanto, as pequenas igrejas, semeadas pelos recantos e vales do Norte do País, talhadas no granito rude da região, as que mais nos comovem pelo que nos dizem da alma do povo que as ergueu.

Irradiando de centros como Braga, Porto, Coimbra e Lamego, o românico das catedrais transfigura-se no românico das abadias e pequenas igrejas onde artistas locais deixaram o cunho da sua arte fruste e por vezes ingénua sem, no entanto, perder beleza. O granito, difícil de trabalhar, presta-se mais ao modelado dos volumes do que à graça dos ornatos. A dureza da

Capitéis na igreja de Ganfei



Igreja de S. Salvador de Bravães. Pórtico

pedra impõe limitações que redundam necessariamente numa simplificação de pormenores. Por isso, a escultura se resume quase sempre, quando existe, às arquivoltas, impostas, capitéis e colunas. Às vezes, atinge uma profusão quase saturante como no portal da igreja de S. Sebastião de Bravães onde se vêem figuras adossadas nas colunas e decoração de tipo variável de uma para outra das arquivoltas. Há igrejas conventuais cujo tamanho, como a de Passos de Sousa, justifica ainda três naves embora com cobertura de madeira. A maioria, no entanto, é de proporções mais modestas, limitando-se a uma única nave.

O estilo românico não procura, como o gótico, uma fuga para as alturas; antes se constroi apegado ao chão e não raro se encontram fachadas mais largas que altas. Sente-se nesse apego um amor da terra que levou os homens a juntarem-lhe, pelo seu labor simples e crente, as flores graníticas da sua humildade. Nenhum estilo como o românico português é repassado de uma tão grande humanidade.

O. Lemos
Cap.-frag.

notícias pessoais

CAPITÃO-DE-FRAGATA ADRIANO AUGUSTO LOUREIRO DE CHUQUERE GONÇALVES DA CUNHA

Por ter sido nomeado para prestar serviço no SACLANT, partiu no passado mês de Outubro para Norfolk o capitão-de-fragata Adriano Augusto Loureiro de Chuquere Gonçalves da Cunha, que desde o início da Revista tem sido membro da Redacção.
É com profundo pesar que vemos afastar do nosso convívio tão ilustre camarada e entusiasta colaborador, expressando-lhe sinceros votos de uma boa comissão e muitas felicidades pessoais.

CASAMENTOS

1.º-tenente SE António Henriques Soares de Albergaria com D. Antónia Flores Proença, em 11-8-73.
Subtenente FZ RN Pedro Manuel Carvalho Lopes com D. Luísa Maria Lopes Rodrigues, em 23-8-73.
Aspirante MN RN Daniel Siragusa Leal com D. Néli Maria Pereira Lopes, em 10-8-73.
Aspirante RN Lucílio Francisco Branco Toscano com D. Marilena da Silva Capucho, em 25-8-73.
1.º-sarg. ACM Francisco Albino Guerreiro Vaquinhas com D. Raquel Diniz Santa Rosa, em 23-8-73.
1.º-sarg. AEA José Antunes Brás com D. Maria Umbelina Rolo Leal, em 22-7-73.
1.º-sarg. AES José Miguens Louro Hilário com D. Maria Ferreira da Luz Romana, em 26-7-73.
2.º-sarg. ARE José Manuel Mouzinho Camões com D. Maria José Guerra, em 1-9-73.
2.º-sarg. H Gilberto Cordeiro Frazão com D. Isaura Maria Coelho Pires, em 11-8-73.
1576/70/Mar. M Joaquim Marques Pinto da Rocha com D. Margarida Fernandes Barbosa, em 24-6-73.

PASSAGENS À RESERVA

Comodoro EMQ Aquino Gomes de Azevedo, em 18-9-73.
Cap.-m.-g. Manuel Antunes da Mota, em 25-7-73.
Cap.-frag. António Bartolomeu José da Costa Perestrelo e Vasconcelos, em 20-9-73.
1.º-sarg. CM Eurico Baptista da Fonseca, em 7-9-73.

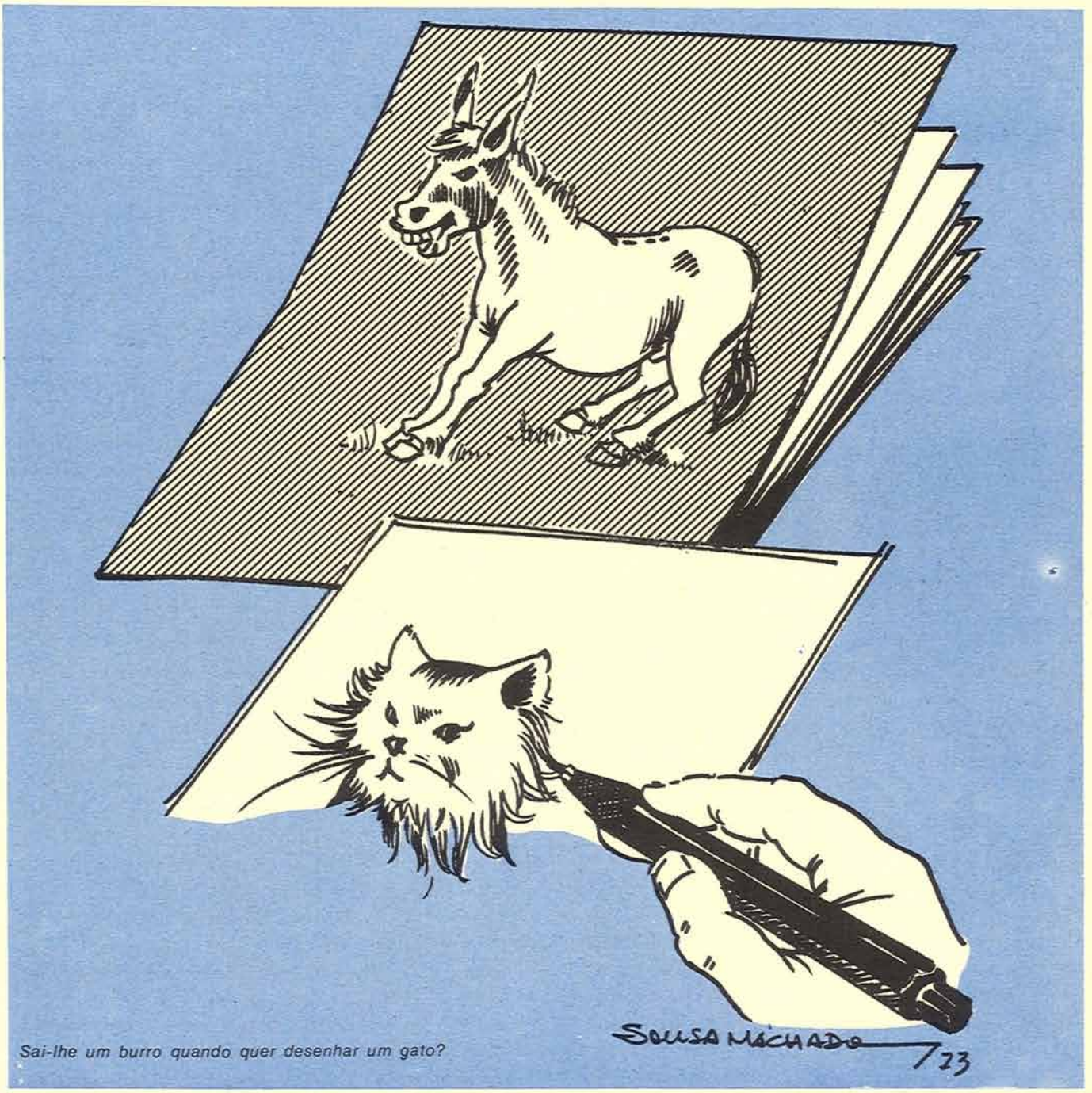
APOSENTAÇÕES

Luís Vieira dos Santos, maquinista de 1.ª classe do Q.P.C.M.M., em 30-9-73.
Moisés Marques, patrão de salva-vidas do Instituto de Socorros a Náufragos, em 30-9-73.

FALECIMENTOS

Cap.-m.-g. RF Humberto José dos Santos Leitão, em 5-9-73.
2.º-ten. SG RF Francisco Manso, em 6-9-73.
285/70/Mar. S Luís Carvalho Baptista de Gouveia, em 25-9-73.
2433/71/Mar. CM António Domingos, em 23-8-73.
225/72/2.º gr. FZ Júlio Joaquim Loureiro, em 18-9-73.

ESTE CURIOSO OFÍCIO DE PINTAR...



Sai-lhe um burro quando quer desenhar um gato?

O dia a dia de cada um preenche-se à vontade com as preocupações mais comezinhas, mais terra a terra, não deixando muito tempo nem adequada disposição de espírito para eventual passeio além fronteiras do mundo trivial das pequenas alegrias e tristezas que fazem cada momento. As faltas de dinheiro de uns, o excesso de dinheiro de outros, a inquietude amorosa da juventude (e não só), a sorte dos filhos, as exigências do emprego, a perspectiva das férias, as faltas de saúde, o futebol de domingo, que ror de coisas nos preenche os dias da semana, as semanas do mês, os anos da vida!

Enveredar por caminhos ocasionais de meditação é privilégio de bem poucos, embora, vamos lá, sem grande mágoa nem protesto dos restantes. Para quê juntar aos problemas reais, aos que batem à porta de punhos cerrados, esses outros tão só da criação duma ginástica mental sem cotação na Bolsa, sem aplicação imediata como fonte de dividendos, ainda por cima olhada de sos-

laio por terceiros? De forma que as divagações do espírito alcançam, quando muito, a forma de conversa *post prandiam*, mais ou menos aquecida pelo café e a bagaceira. É neste nível que vimos meter o bedelho.

Quando Deus criou o homem deu-lhe a capacidade de formular juízos. Foi uma distinção. Foi até, provavelmente, uma generosidade do criador. Nenhum outro bicho obteve tal benesse. E não está definitivamente desmentido que o homem tenha feito logo dela a mais criteriosa utilização, mas o que os Santos Livros nos transmitiram deixa-nos sérias dúvidas quanto à felicidade a que ela conduziu. A começar, por exemplo, na história da maçã. Mas deixemos isso...

O Homem sedimenta hoje a ciência de quarenta milhares de anos em formulário de sentenças que de quando em quando evoca, as mais das vezes para se encostar a muleta de verdade hipoteticamente indesmentível: são os ditados ou rifões; é a voz do povo; a voz da experiência; a voz da razão. E atira ao semelhante coisas como estas: quem mais jura mais mente. Ou esta outra: quem mais julga mais erra.

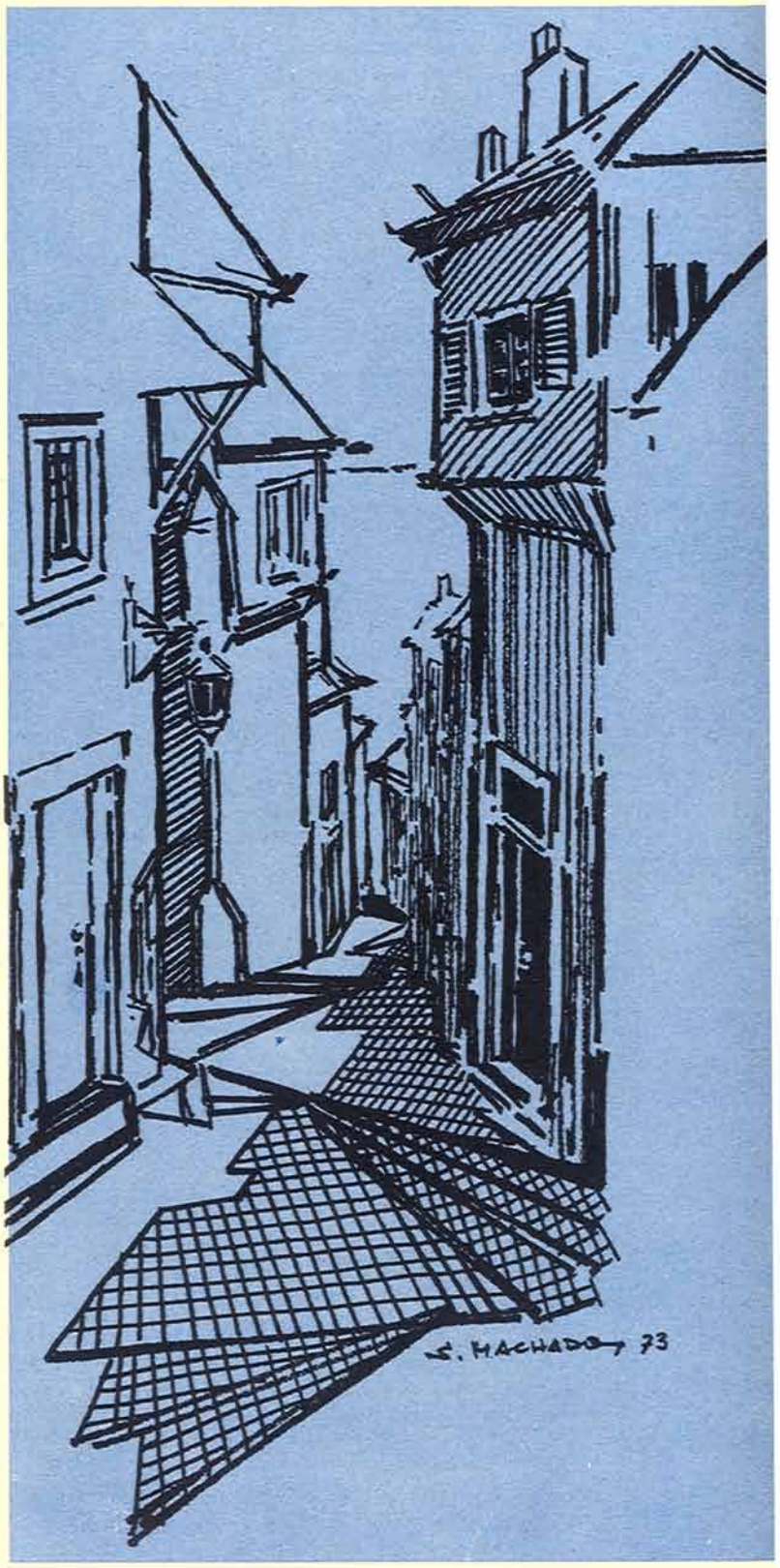
Então, ficamos perplexos. A mais nobre distinção com que Deus nos quis honrar entre as criaturas mortais é armadilha delicada e subtil que deve ser passada com mil cautelas. Mas Deus bem sabe o que fez. Melhor que os homens. Julgar, realmente, não é fácil.

Este introito, que já vai longo, pensámo-lo nós com aplicação ao título destas linhas sobre o curioso ofício de pintar. Em lugar e circunstâncias de mais largos voos, talvez nos aventurássemos a outra definição de pormenores, cingindo-nos sem desvio ao tema aliciante e rico da pintura. Aqui, porém, não passaremos muito da simples arte de «fazer bonecos».

Muito pouca gente admite ter jeito para o desenho. Em frente dum boneco bem riscado, saído dum lápis descontraído, directo, fluente, o que se ouve quase sempre são reflexões de magoada tristeza: «Só eu, quando quero fazer um gato, sai-me um burro!» Quando se diz a essa pessoa que o desenho se aprende, como se aprende a escrever, ou a jogar a bisca lambida e o xadrês, há um lampejo de gratidão pela confiança nas possibilidades inatas do interessado, mas desmentido sem demora nem lugar a controvérsia por sentença mais decisiva: «Não, isso já nasce com cada um!»

Há, pois, uma espécie de atitude humilde, reverente, por essa fatalidade de se nascer já com jeito para o desenho, e a impressão geralmente recolhida de quantos a manifestam é que a admiram, pelo menos, podendo parecer lógico, também, que a favorecessem nos seus juízos de valor. Mas não. O que impera no subconsciente dos não dotados é, com certeza, a facilidade natural do bafejado da sorte, tão capaz de reproduzir no papel aquilo que quiser, como de respirar, ou de abrir os olhos e ver. É pegar no lápis, e pronto. Sai boneco!

Só assim se entende, de facto, como se exclui, normalmente, o juízo valorativo da obra produzida. Chama-se a casa um estucador ou carpinteiro a remendar pedaço de caliça ou prateleira desengonçada, e à gratidão de



Rua a descer – exclusivamente linhas rectas e angulares...

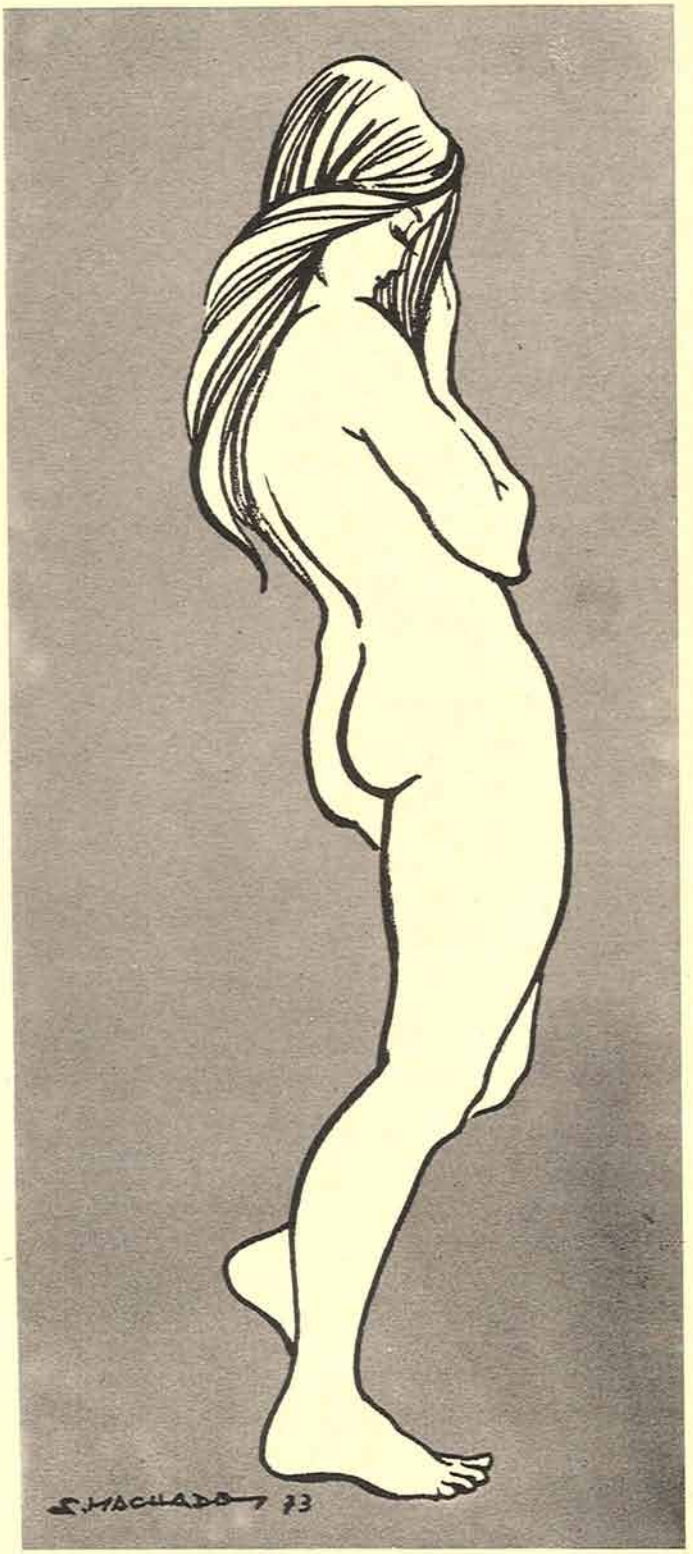
aceitar o gancho, hoje em dia cada vez mais reverente, esportula-se ali, a pronto, 40 ou 50 escudos por hora pelo trabalho feito. Mas o «boneco» pode ter demorado quatro ou cinco horas a executar, precedidas de outras tantas de congeminação, estudos, tentativas remetidas ao cesto dos papéis, e o risco – sempre possível – do agrado ou desagrado do cliente, nesta segunda hipótese a pedir substituição: «É pá, faz lá outro, não te custa nada.»

Por via de regra, a quem não custa nada é a quem pede. Agradece (quando agradece...) com uma palmada amiga nas costas e duas palavras de bajulação gratuita: «Está bestial!» Imagine-se a cara (e os justificados protestos em português vernáculo) do oficial de estucador ou carpinteiro a quem se pretendesse dar, por paga do seu trabalho, semelhante demonstração de apreço.

Mas não é só no âmbito da valorização pecuniária do artigo que o ofício de fazer bonecos é curioso. Este será até um pormenor a que o verdadeiro artista ligará menor importância. Fazer vinte bonecos poder-lhe-ia representar, em termos de cifrão, uns vinte contos. Bonecos simples, claro está. Mas para ele serão, realmente, mais vinte bonecos, e muito raramente pensará que são menos vinte contos. Chocá-lo-á mais, ao meditar na sua felicidade de ter nascido com aquele dom da Natureza, como é mal julgado o seu trabalho, já não só a sua obra. Quando os autocríticos de ocasião concluem levianamente divertidos que lhes sai um burro quando querem desenhar um gato, não se dão conta, na verdade, que não lhes sai burro, nem gato, e só um amigável espírito de benevolência aceitará por característica identificadora a dimensão relativa das orelhas e das pernas das duas espécies de mamíferos.

O que acontece, simplesmente, é que esses bem-aventurados incapazes de desenhar os traços essenciais dum burro, não se tiraram nunca de seus cuidados para ver – com olhos de ver – como é realmente um burro. Porque, vejamos: qualquer indivíduo que não seja de todo anormal é capaz de desenhar numa folha de papel branco um risco que não se afaste muito da posição convencionadamente vertical; e o mesmo para um traço rectilíneo aproximadamente horizontal. Para todas as outras posições inclinadas da linha recta a dificuldade residirá apenas em avaliar o ângulo aproximado da respectiva inclinação. Com as curvas não acontece nem maior nem menor mistério de interpretação: basta observar se é pronunciada, profunda, ou, pelo contrário, suave, subtil, o sentido de desenvolvimento, as inflexões. Ao fim e ao cabo é simples: é ver. É saber ver. É ver com inteligência. Depois, claro, a continuação de mestrança no ofício requer estudos mais prolongados: a função da cor, o embate psicológico do traço, o efeito das relações de luz e sombra, a criteriosa destrinça entre o essencial e o aleatório. Na execução de qualquer boneco, em maior ou menor grau, consoante a definição e a intencionalidade da obra, opera-se constantemente um jogo de avaliação, de julgamento, de aplicação criteriosa de princípios estudados, de crítica honesta (inexorável, quanto possível), de busca de solução não encontrada, de originalidade, de simplificação. Tudo quanto se tenha estudado durante anos é posto ali à prova em momentos sucessivos de aplicação criteriosa da inteligência ao julgamento da tentativa e erro.

Muitas pessoas sabem que Fulano ou Beltrano não gosta de pintar diante de mirones. Julgam-no envergonhado. Não. Não é vergonha, nem acanhamento, nem fuga a comentários, nem ocultação de misteriosos processos ou segredos. O artista no seu labor requer ambiente propício à utilização constante, ininterrupta, do raciocínio. Tudo quanto o desvie da atenção necessária ao desenvolvimento da obra prejudica a sua realização. Não se pinta discutindo política ou futebol. Pinta-se recolhido. Pinta-se dialogando consigo próprio sobre a justeza da cor ou do tom, o preenchimento dos espaços, a hipótese de solução desta ou daquela forma para se alcançar o efeito que se supôs melhor. Depois, também constantemente, a crítica da obra que vai surgindo. A insatisfação é quase permanente. Obcessiva. Não há cansaço



Exclusivamente linhas curvas...

porque o entusiasmo anestesia. A fadiga sobrevem depois. Mas é um trabalho duro, intelectual e fisiologicamente considerado. É um articular ininterrupto de raciocínios jogando os conhecimentos adquiridos ao longo de anos de estudo. É assim que se pode fazer um gato diferente dum burro.

Claro que estamos a ver uns tantos sorrisos gozões, denunciando a ideia de que isto que estamos a escrever é que é «pintura». E remetemo-nos ao introito. À capacidade que Deus nos deu para julgarmos. Depois, fique-se cada um com a dedução que achar mais adequada ao seu critério.

Aceito que se atinge, de quando em quando, a satisfação íntima de se ver realizado. No fundo de cada indivíduo agita-se, inquieta, a necessidade atávica de domínio. Há quem conduza automóvel ou avião pelo prazer de dominar a máquina. Há os que se comprazem no comando ou na governação pelo domínio sobre os homens ou as sociedades. Os grandes conquistadores obtinham prazer no domínio territorial aumentado. Muito mais raros são os que procuram o gosto de dominar-se a si próprios, mas também há. Pois bem. O artista contenta-se em dominar os materiais e técnicas de que dispõe para criar algo de novo. Algo que não foi feito nunca. A sua obra. Quando julga que o conseguiu, sente, sem dúvida, a satisfação de se ver realizado.

É muito curioso o ofício de pintar. Mal apreciado, na medida em que se tem por muito fácil, em que se julga privilégio só duns quantos que a Natureza bafejou, não se imaginando sequer as longas horas de estudo que não cessam nunca, nem os laboriosos processos que a sua prática implica. Mal retribuído, talvez porque não envolve a satisfação duma necessidade imediata de sobrevivência ou de bem estar. Quando o indivíduo se preocupa com possível falta de saúde, vai ao médico, mostra a língua e recebe o papelinho da receita, não estranha pagar centenas de escudos por alguns minutos de atenção que pediu a um semelhante. Mas algumas horas que um boneco demore a executar não as contabiliza por qualquer escala de valores. E, todavia, a obra de arte – às vezes um simples boneco – é com frequência objecto de contemplação interessada, agente emotivo duma satisfação pessoal que no geral se ignora: a satisfação da necessidade estética.

É curioso este ofício de pintar...

S. Machado
Cap.-m.-g.

---

saibam todos

Que a flâmula ou qualquer distintivo de comando içado em navio da Armada só deve ser arriado quando a bordo se encontrarem os Presidentes da República ou do Conselho, ministros da Defesa Nacional ou da Marinha e chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas ou chefe do Estado-Maior da Armada ou ainda oficial de patente superior à do comandante que tenha direito a distintivo especial e que exerça directamente comando no navio ou força a que ele pertencer.

Que a flâmula é arvorada à proa das embarcações miúdas da Armada quando conduzam oficiais ou aspirantes a oficial uniformizados ou em traje civil, desde o içar ao arriar da bandeira nacional.

Que as continências e honras à bandeira nacional na altura de ser içada ou arriada a bordo, às horas regulamentares são as seguintes:

- a guarda formará na tolda ou tombadilho, a bordo, dando a direita à bandeira ou transversalmente, com frente à bandeira; apresentará armas, bem como as sentinelas e os clarins tocarão a marcha de continência, ou a banda de música executará o hino nacional;
- os oficiais, sargentos e praças que estiverem no convés devem fazer a continência, voltando a frente para a bandeira; nas cobertas, pavimentos inferiores e câmaras devem tomar a posição de sentido;
- o içar e arriar da bandeira deverá ser feito muito lentamente;
- tanto ao içar como ao arriar, a bandeira será transportada numa salva por uma praça graduada.

Que em navio a navegar, não são prestadas as honras acima indicadas.

Que todo o militar da Armada, quando entrar a bordo de um navio de guerra, nacional ou estrangeiro, que tenha a bandeira içada, a deve cumprimentar. Este cumprimento é feito no patim superior do portaló ou prancha de desembarque e de frente para a bandeira.

Que o navio-chefe de uma força naval ou o navio solto que entrar em qualquer porto nacio-

nal ou estrangeiro salvará a terra com 21 tiros, estando içada durante a salva, no tope grande, a bandeira da nação a que esse porto pertence. Mediante prévio acordo com as autoridades locais poderão deixar de o fazer no caso de terem estado nesse porto há menos de um ano.

Que não existindo em algumas marinhas o posto de almirante dessas nações que içarem o seu distintivo no tope grande devem ser saudados com o número de tiros correspondente ao posto de almirante – 17 tiros –, a menos que acordos internacionais o prescrevam diferentemente.

Que as salvas só são dadas pelos navios da Armada que disponham de quatro ou mais peças de tiro rápido de calibre não superior a 76 mm e convenientemente colocadas.

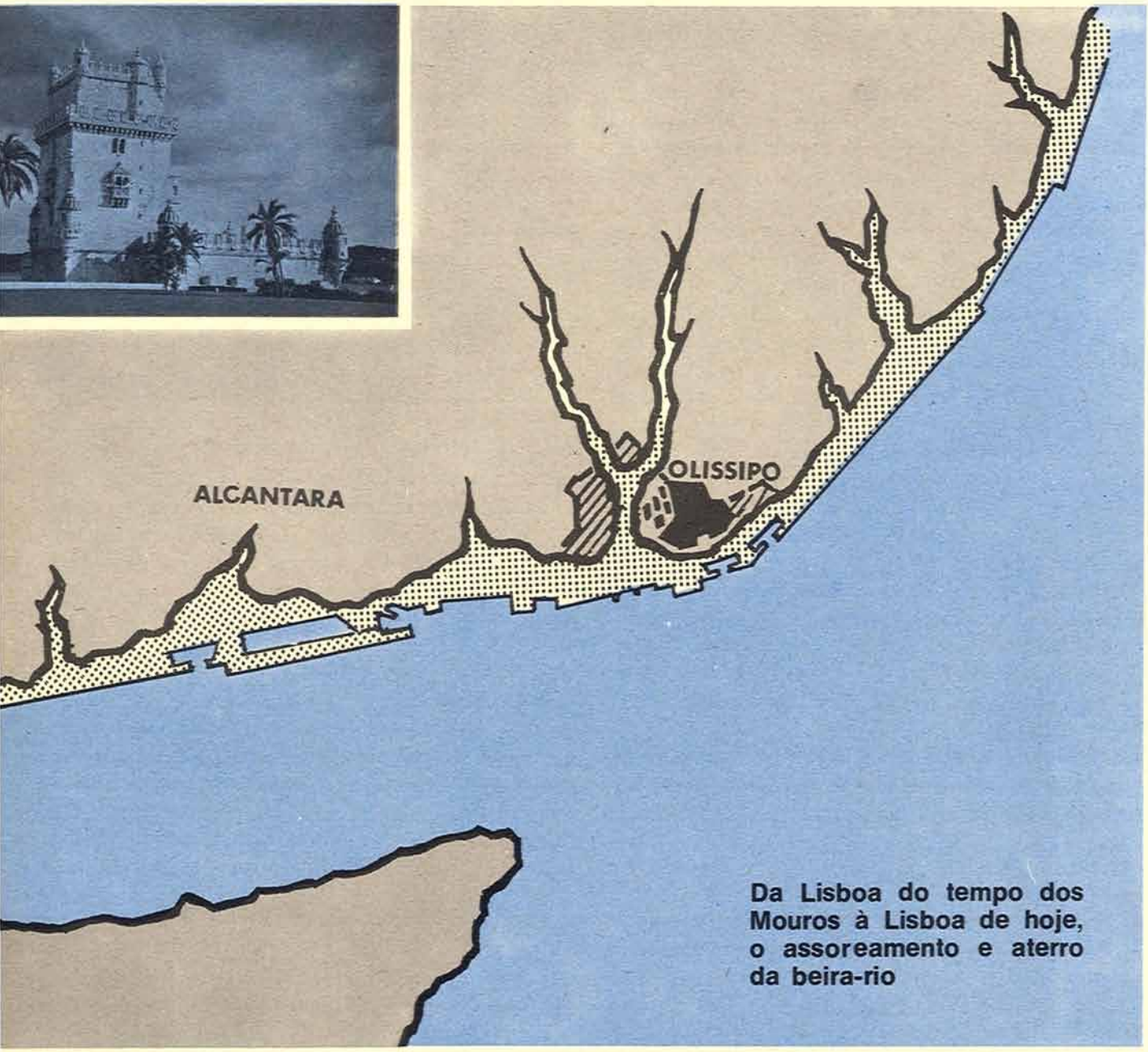
Que um navio da Armada ao passar a menos de 500 metros de outro navio de guerra nacional ou estrangeiro, deverá formar a sua guarda, o clarim executar o toque de sentido e o comandante fazer ou corresponder à continência com a frente para o outro navio.

Que os navios mercantes nacionais são obrigados a cumprimentar os navios de guerra que encontrem em viagem ou nos portos, arriando vagarosamente a bandeira e içando-a depois de retribuido o cumprimento; os navios da Armada, por sua vez, retribuem estes cumprimentos arriando a bandeira nacional uma só vez até $^1/_3$ da altura, contada da base do respectivo pau e tornando a içá-la.

CONHECE A TORRE DE BELÉM?

Haverá por aí marinheiro que não conheça a Torre de Belém? Jóia de pedra branca, cinzelada, a avançar graciosamente da margem como ninfa nua molhando os pés nas águas tranquilas do Tejo. Nela ficam os olhos dos que partem, germinando saudades. Nela se fixam os olhos dos que chegam, alvoraçados pelo retorno aos seus. E quem sabe mais da Torre?

À parte atávica emoção, anátema de saudosismo difícil de sacudir, a cantaria talhada, sobreposta, erguendo-se em formas de sóbria dignidade, equilibrando o elegante e o majestoso, evoca-nos a época grande dos outros marinheiros, antepassados, que deste mesmo ponto da margem partiram a desvendar mistérios oceânicos, de continentes desconhecidos, de ilhas ignoradas. Daqui mesmo partiram, até, em manhã cinzenta historicamente dos nossos dias, dois outros marinheiros de asas abertas, inseguras, a provar que os oceanos se podiam vencer, também,



Da Lisboa do tempo dos Mouros à Lisboa de hoje, o assoreamento e aterro da beira-rio

pelo ar. Enfim, à ternura dum sentimento todo pessoal, todo nosso, expresso significativamente por vocábulo sem tradução exacta noutras línguas, junta-se o estremecer íntimo dum orgulho recatado, mas humano, de grandezas passadas.

O histórico e o sentimental. Essa jóia arquitectónica da margem norte do Tejo encontrará, talvez, aí, a compensação funcional dum destino que não se realizou verdadeiramente como previsto. É monumento evocativo e não foi construído como tal. Impõe-se como valor estético, e nasceu para ser baluarte austero, guerreiro, mera posição defensiva num conceito militar.

Mas vamos, então, aos poucos conhecer melhor a Torre de Belém. A Lisboa dos nossos primeiros reis mal se adivinha, hoje, no casario das sete colinas, exposto ao navegante que chega. Quando foi conquistada aos mouros, descia apenas do castelo à beira das águas, circundando outeiro que avançava, como península entre o Tejo e um braço de rio espraiado, fundo e lodoso, bifurcando-se por altura donde é hoje o Rossio e a Praça da Figueira, com um ramo seguindo pelo vale da Senhora da Saúde, Anjos, Arroios, Areeiro, outro ramo pelas Portas de Santo Antão, Gomes Freire, Picoas. As ribeiras arrastando detritos, os lodos do estuário depositando-se nos recessos da corrente e os aterros como necessidade de expansão do burgo, originaram assoreamento rápido da largueza deste braço, mantendo-se todavia regueirões (de que sobrevive ainda o nome Regueirão dos Anjos) e um braço estreito de rio, subindo, sobretudo, com a maré, por onde é hoje, aproximadamente, a Rua do Ouro, até épocas relativamente pouco recuadas.

A linha da beira-rio contornava os sopés de Alfama e da Mouraria, depois, a poente, os estaleiros da Ribeira – ainda hoje se chama ao local Ribeira das Naus – e seguia com margem sinuosa por encostas

ainda não urbanizadas, avançando terra dentro pelo vale de Alcântara, primeiro, depois, ao jeito de nova ribeira, pelo vale de Algés até contrafortes de Monsanto.

A légua e meia bem puxada para os lados da vazante encontravam os mareantes da capital do Reino local propício a fundeadouro, com praias boas de varar, e límpidas fontes de grandes mananciais, adequadas ao provimento da aguada. Era o fundeadouro do Restelo, a par de Belém.

Daqui se partiu o Gama. Aqui mandou construir, pouco depois, o nosso rei Venturoso um mosteiro destinado à Congregação de S. Jerónimo, muito certamente por devoção pessoal ao orago, mas não menos por inteligente apoio logístico, ocupação eficiente e segurança do local, tão caro aos últimos preparativos das viagens que então se empreendiam.

Do tempo do seu antecessor, primo e cunhado, o rei D. João II, fora estudada a defesa do nosso primeiro porto, guarnecendo-se a costa e as margens do estuário com fortalezas que substituíssem o mais dispendioso processo de manter navios cruzando nas suas águas. Nasceu, assim, o forte de Cascais, e o baluarte de Porto Brandão, faltando apenas, por ter, entretanto, falecido o rei, construir a torre da margem norte, que fazia parte do conjunto, completando o sistema de fogos cruzados. Coube a D. Manuel, não sem que o tempo, e ponderadas hesitações, deixassem amadurecer o projecto, edificar o baluarte. Exigiam-no agora, também, as próprias obras do convento. E no mesmo estaleiro dos mestres alvenéis se talharam as pedras de um e outro dos edifícios.

De Azamor, onde dirigia as obras de fortificação, em sequência das de Safim e Mazagão, é chamado ao reino mestre Francisco de Arruda, que desenha a traça do castelo fortificado, seguindo directrizes de Diogo Boitaca, mestre das Obras do Reino, e autor do projecto dos Jerónimos. É posto de lado o traçado anterior, que Garcia de Resende elaborara pra D. João II, e imaginado outro, no estilo de fortaleza ou castelo medieval também, mas com arranjo estético ao gosto que despontava de um misto de influência mourisca na tentativa de imposição do decorativo náutico como fruto secundário do grande prestígio da marinha e das navegações.

Como local de construção manteve-se o da posição defensiva avançada, contrapondo-se ao baluarte da Caparica, em Porto Brandão, segundo o esquema de D. João II. É que havia também ali, avançando rio adentro, providencial afloramento de rocha basáltica estupendo para fixar alicerces. A construção demorou cerca de quatro anos, de 1515 a 1519, período que garantiu a pureza extraordinária do estilo.

Seu nome de nascença, Castelo de Sam Vicente da Par de Belém.

Na essência, é uma fortaleza constituída por torre de menagem quadrangular, elevada, onde se insere casamata de artilharia de fortíssimos paredões ameados em que se rasgam dezassete aberturas de vincados chanfros a permitirem a abertura do leque de tiro. Nos cantos da torre e do baluarte, erguem-se, salientes, cubelos ou torreões cilíndricos, de cobertura muito curiosa, aos gomos, influência inegável dos grandes mestres de construção que eram, ao tempo, os artífices mouros.

Nas faces da torre rasgam-se janelas encimadas por arco de volta prefeita, e destacam-se, salientes, balcões rendilhados onde sobressai como elemento decorativo a cruz de Cristo. A face voltada ao rio, e sobranceira ao terraço do baluarte, é particularmente rica de beleza, com varanda de arcos a toda a largura, e a heráldica Manuelina a sobressair, na forma do escudo, das quinas e das esferas armilares, da parede lisa da torre. As ameias do penúltimo piso e do terraço do baluarte formam como balaustrada apavesada com escudos decorados da cruz de Cristo, e à volta do edifício, contornando a base das guaritas, corre forte cabo esculpido na cantaria, que se repete nas cúpulas e na torre, ao jeito de amarrar a estrutura de pedra com debrum decorativo e funcional. Cabos, esferas armilares, cruzes de Cristo, balaustradas de varandas finamente recortadas, colunas, cúpulas e baldaquinos, elementos vegetais ricamente cinzelados e gárgulas caricaturando animais exóticos, é síntese bem feliz do manuelino, que a Torre de Belém representa com extraordinária pureza. Os fortes caboucos implantados no basalto, ainda que no meio das águas, proporcionaram duração que nos transmitiu, intacta, a beleza invulgar do estilo em que os mestres nacionais souberam conjugar o exótico mourisco com a sugestão das navegações marítimas e uma civilização cristã.

A Torre de Belém, ou Castelo de Sam Vicente da Par de Belém, não conheceu nunca as glórias da sua função militar defensiva. Deslumbrou com tiros de salva algumas vezes, guardou nas suas masmorras presos políticos, viu-se ligada a terra por acrescento fortificado que maculou a sua beleza, serviu de aquartelamento de tropas, durante as invasões napoleónicas, mas foi, ao tempo de D. Maria II, restituída à traça original que a torna monumento único no Mundo, e verdadeiro modelo histórico de arte portuguesa, ex-líbris do Tejo, menina bonita aos olhos dos marinheiros.

Sousa Machado
Cap.-m.-g.

voz da abita

Com referência ao INQUÉRITO publicado no n.º 22 da nossa Revista, recebemos uma nota do chefe do Serviço de Bem-Estar da Companhia n.º 8 de Fuzileiros, que transcrevemos:

«(...) Verificou-se desde o mês de Novembro de 1971, altura em que a Companhia iniciou a sua comissão de serviço, uma grande satisfação sempre que a Revista chegava. As quantidades enviadas são consideradas suficientes chegando ainda para satisfazer pedidos pessoais pois chega a existir um interessante despique na medida em que quase todos desejariam um exemplar para si, o que como facilmente se compreende não é viável.

«A «nossa» Revista tem chegado sempre com regularidade, e mal é distribuida todos a lêem com a maior atenção, alegres por receberem as «últimas» do mundo da ARMADA. É excelente a opinião àcerca da sua apresentação, impressão e artigos nela incluídos. Conclusão: Deve prosseguir-se «a vante e a toda a força!».

«Daqui destas terras da Guiné apresentamos além dos nossos respeitosos cumprimentos ao Senhor Director, os nossos agradecimentos aos camaradas e aos civis que colaboram, todos com um pouco de si, na elaboração da «Revista da Armada». Um sincero OBRIGADO!»

Do 1.º-gr. FZ n.º 2130/71, João Manuel Teixeira, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Angola, 28-8-73.

«Venho por este meio saudar o Senhor Director e todos aqueles que colaboram na «nossa» querida Revista, que tão apreciada é por todos nós. Tenho lido todos os exemplares que tanto me ajudam a passar o tempo, pelo que me tornei um grande admirador da «Revista da Armada».

«Penso eu que os meu camaradas também o sejam e gostava que todos colaborassem para que a «nossa» Revista nunca acabe.

«Senhor Director, gostava imenso de ver publicada a minha carta; sei que não sou nenhum escritor, mas é para os meus colegas e amigos lerem que gosto de colaborar na Revista de todos nós.

«Também envio umas quadras que poderiam ser publicadas se o Senhor Director as julgar dignas de tal. (...).

«Sem mais, envio os meus mais respeitosos cumprimentos para todos aqueles que colaboram na «nossa» Revista.»

N. R. — *A carta já está publicada. Quanto aos versos, serão apreciados pela Comissão de Redacção da nossa Revista e publicados se for caso disso.*

De Serafim Freitas Salgado, ex-1.º-grumete T, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Fafe, 2-10-73.

«Os meus cumprimentos com o devido respeito.

«Ex-marinheiro (1.º-grumete T 7530) só agora e por puro acaso tive conhecimento da «nossa» Revista. «Como já constatei, é difícil cá em Fafe adquirir a mesma (a de Setembro ainda não se encontra à venda) pelo que agradeço que me recebam como assinante, para o que, hoje mesmo, envio a respectiva importância.

«Renovo os meus cumprimentos e na pessoa de V. Ex.ª, Senhor Director, saudo todos quantos trabalham na «Revista da Armada», a quem desejo um esforço profícuo para engrandecimento e divulgação da mesma, para assim todos compreenderem porque nos prendemos às «coisas» da BRIOSA e da qual nos recordamos com saudades mesmo após 12 ou 13 anos de nela sermos admitidos.»

N. R. — *A Agência Internacional de Livraria e Publicações, Lda., de Lisboa, tem desde o n.º 1 o exclusivo da distribuição da nossa Revista por todo o Continente. A «Revista da Armada» sai de 7 a 10 de cada mês, sendo portanto de admirar que na data da carta ainda não esteja à venda nessa localidade.*

HORAS SOMBRIAS

Aconteceu há muitíssimos anos...
É se repetiu em outros anos...
E porque a tragédia de novo
[se desenrolou,
logo uma voz dolorida ecoou.
E essa voz, outras se vieram juntar,
que a pequena terra fizeram
[alvoroçar!
Tudo se entristeceu.
No mar... Um homem morreu!

E o povo em aflição, corre para
[a praia,
quer ver o barco chegar...
Não lhe importa o frio, o vendaval,
maior é seu desgosto, que grande
[o temporal!
E todos rezam a chorar:
Senhor Jesus das Chagas valei-nos!
Em nossa mágoa socorrei-nos.
Se Vós quisésseis um milagre
[fazer...
Então nós poderíamos ver,
esse barco regressar,
sem ninguém a chorar.

Mas o mar... Sua ira havia
[consumado.
Barco e pescadores regressaram
sem o querido companheiro a seu
[lado.

E a um pescador triste, pensativo,
que está mudo e quedo, olhando
[o mar...
Alguém... (por certo turista
[comunicativo)
lhe vem perguntar:

Bom homem, o que é que consigo
[se passou,
que assim tão triste o deixou?

Sabe senhor
a mágoa e a grande dor,
que o nosso mar nos fez?
Dos nossos homens levou-nos um.
Deus sabe, se outro dia mais
[algum,
e há tempos levou-nos três!
E o pescador sente como é doloroso
que o mar lindo e calmoso
lhe traga o pão...
Para em segundos... Revoltado,
pôr dilacerado
e triste seu coração!

E chora seu camarada
com a alma amargurada.

Mas será que é de revolta
aquele ai... Que ele solta?

Será minha ilusão...
Mas eu creio que não!

É certo que o pescador fica vergado,
amarfanhado,
na sua dor...
É certo que o vemos chorar,
mas no fundo ele tem p'lo mar,
o mesmo infinito amor!

E a vida continua...
O pescador sente que a terra é,
[e não é sua,
o mar sim. Esse é seu,
pois foi Deus que lho deu!
E porque tem de lutar
para ganhar seu pão...
As lágrimas dá ao mar,
ficando sereno, seu coração!

Júlia Rosa Pinto

filatelia

AINDA «O DIA DA MARINHA E A FILATELIA»

Foi acolhido com muito interesse nos meios filatélicos o nosso apontamento com o título em epígrafe, no qual era sugerido que nesse dia fossem anualmente postos em circulação selos postais comemorativos do acontecimento.

Alguns jornais e revistas que mantêm secção filatélica ocuparam-se do assunto, apoiando-nos, tendo mesmo o conceituado «Diário Filatélico» transcrito na totalidade o citado apontamento, com a nota de que o fazia por dar à ideia a sua total concordância.

Recebemos ainda, pessoalmente, e por cartas, felicitações e aplausos pela sugestão, o que mais reforçou a nossa convicção de que efectivamente o dia 8 de Julho merece ser assinalado anualmente com selos na Metrópole e no Ultramar, os quais devem logicamente ter como motivo principal o barco, o que desde logo assegura duplo interesse, tendo em vista a história da efeméride e o tema, universalmente muito apreciado.

Julgamos saber que o lançamento de qualquer emissão de selos é sempre antecedido de um sem número de aturados estudos e demorados trabalhos, nem sempre fáceis e muitas vezes mesmo dificultados por motivos vários, que ocasionam atrasos que se têm de compreender, embora os próprios filatelistas tenham relutância em os aceitar.

No caso concreto de selos para o Dia da Marinha, e tendo em conta o tema barcos, cremos que os nossos artistas, que tantas provas de competência e capacidade têm dado nas poucas vezes que têm sido procurados para se ocuparem do assunto, têm, além do mais, o Museu de Marinha como fonte inesgotável de observações, que certamente lhes serão facilitadas e até apoiadas.

Para que tais selos pudessem já aparecer em 1974, há apenas a considerar o factor tempo, que pensamos por enquanto ser bastante para nessa ocasião a data ser também filatelicamente assinalada com brilhantismo.

Por assim pensar, voltámos ao assunto, conscientemente convencidos de que uma emissão de selos no Dia da Marinha, para além de uma justa homenagem prestada a uma efeméride brilhante da História Pátria, seria simultaneamente uma homenagem a uma das actividades querida das nossas gentes, e iria ao encontro do desejo dos filatelistas que no mundo se ocupam deste tema.

NOVOS SELOS DA METRÓPOLE

Na Metrópole, e no prosseguimento da substituição da série «D. Dinis» em circulação desde 1953, os CTT puseram a circular no passado dia 5 de Setembro mais quatro selos da nova série ordinária «Paisagens e Monumentos», estes com os valores de $05, 2$50, 3$50 e 8$00, apresentando respectivamente o Aqueduto das Águas Livres em Lisboa, o Castelo da Vila da Feira, a janela manuelina do Convento de Cristo em Tomar e o Palácio Ducal de Guimarães.

Foram desenhados pelos Serviços Artísticos dos CTT, e estamos cientes de que se integram no conjunto de belo efeito e muito interesse.

Gama Brandão
2.º-ten. SG

IX EXPOSIÇÃO FILATÉLICA NACIONAL INVICTA-74

O Clube Internacional de Filatelia e a Secção Filatélica do Centro Universitário do Porto vão organizar conjuntamente a IX Exposição Filatélica Nacional, denominada Invicta-74. Todos os interessados em participar nesta grandiosa manifestação filatélica poderão contactar com a Secção Filatélica do Centro Universitário do Porto, na Rua da Boa Hora, 18, naquela cidade.

MOSTRA FILATÉLICA DO CLUBE FILATÉLICO DE ANGOLA

Integrada nas comemorações do 15.º aniversário do Clube Filatélico de Angola, esteve patente ao público na sede da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, em Luanda, uma mostra filatélica com a participação de colecções de certo nível.

Mantém, assim, este dinâmico clube o rumo de bem servir a filatelia embora, segundo nos disse um dos seus dirigentes, muita coisa para melhor poderia ser feita se os filatelistas de Angola o quisessem. O velho problema...

MARCOFILIA EM ANGOLA

Pelos CTT ultramarinos foram criados os carimbos «XI Mostra Filatélica de Sá da Bandeira», integrada nas festas da Senhora do Monte, e «Operação Cunene-73». Carimbos bem concebidos e a interessar a diversas temáticas.

NOVOS SELOS AUSTRÍACOS

Reproduzimos três selos emitidos pelos correios da Áustria no passado mês de Agosto. Os selos foram emitidos para comemorar o «100.º Aniversário da Descoberta François-Josepf», a «39.ª Sessão do Instituto Internacional de Estatística» e «Motivo Desportivo».

A. Vieira Pinto
Mar. A

I CAMPEONATO DE ORIENTAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS

No passado dia 23 de Agosto teve lugar nos terrenos da tapada de Mafra o Campeonato de Orientação das Forças Armadas, realizado sob a égide da Comissão de Educação Física e Desportos das Forças Armadas, tendo sido organizado e tecnicamente dirigido pela Escola Prática de Infantaria.

Esta prova, de características pouco vulgares entre nós, consistia num percurso de cerca de doze quilómetros por terreno bastante difícil, com passagem obrigatória por cinco pontos. Em cada ponto os concorrentes recebiam informações (azimutes, etc.) que lhes permitiam «descobrir» o ponto seguinte. Acresce ainda que para obterem classificação, os concorrentes teriam de completar o percurso em tempo inferior a 3 h e 30 m.

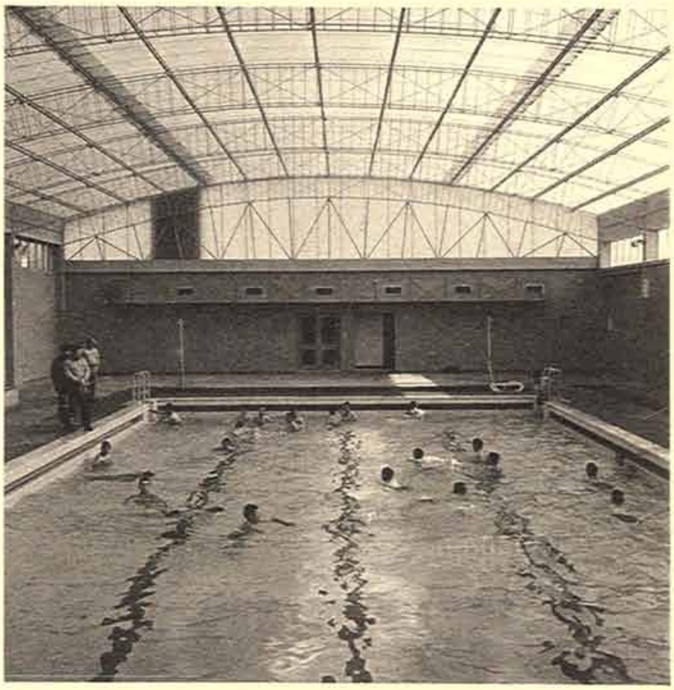
Disputaram a prova quatro equipas de 7 elementos, uma do Exército, outra da Força Aérea e duas da Armada.

A representação da Marinha, a cargo da Escola de Fuzileiros, conseguiu classificar sete elementos num total de dezasseis que completaram a prova dentro do tempo estabelecido.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

1.º – Cabo miliciano Vasco Pereira (Ex.), 1 h 36 m 3 s
2.º – Furriel pára-quedista F. Jorge (F. A.) 2 h 16 m 46 s
3.º – Asp. RN FZ Tavares de Almeida (Mar. A), 2 h 32 m 25 s
4.º – Tenente Baptista (Ex.), 2 h 34 m 15 s
5.º – 2.º-gr. FZ José António (Mar. B) 2 h 39 m 10 s
... ...
12.º – 1.º-gr. FZ Bernardino (Mar. A) 3 h 1 m 55 s
13.º – 2.º-gr. FZ Costa (Mar. B) 3 h 4 m 45 s
14.º – Cadete RN FZ Vieira (Mar. B) 3 h 15 m 56 s
15.º – Cadete RN FZ Duarte (Mar. A) 3 h 24 m 10 s
16.º – Mar. FZ Armando (Mar. B) 3 h 28 m 37 s

O 1.º classificado, cabo miliciano Vasco Pereira, foi seleccionado para representar as Forças Armadas numa prova de características semelhantes, organizada pelo C. I. S. M. (Conseil International du Sport Militaire), a realizar em França.



Na hora da natação, os elementos da Marinha treinam-se na piscina do G. 1 E. A.

NATAÇÃO

Está prevista a realização, em 14 e 15 de Outubro, do Campeonato de Natação das Forças Armadas. Organizado pela Direcção do Serviço de Educação Física (Marinha), as provas disputar-se-ão na piscina do Areeiro, entre as equipas da Armada, do Exército e da Força Aérea.

No próximo número esperamos poder dar desenvolvida reportagem deste acontecimento.

FUTEBOL

A equipa do Grupo n.º 2 de Escolas da Armada tem vindo a defrontar equipas de navios de marinhas estrangeiras que demandam o porto de Lisboa.

Assim, no dia 1 de Setembro, jogou contra a equipa brasileira do «Soares Dutra» que venceu por 2-1 e, em 8 do mesmo mês, defrontou a selecção da esquadra holandesa que havia estado em Lisboa para tomar parte no exercício N. A. T. O. «Quick Shave», registando-se um empate a uma bola.

De salientar a boa forma da equipa do G. 2 E. A., que virá, com certeza, a obter bons resultados no próximo Campeonato da Armada.

VELA

O C. N. O. C. A. fez-se representar pela tripulação capitão-tenente Sales Grade/asp. C. de Carvalho na I Semana Internacional da Torralta e no XIII Cruzeiro da Ria de Aveiro.

Tripulando um *sharpie* de 12 metros esta tripulação conseguiu, além de levar as cores do C. N. O. C. A. a Tróia e a Aveiro, bons resultados desportivos.

Alexandre da Fonseca
1.º-tenente

* CURIOSIDADES

A TOPONÍMIA DE LISBOA E O MAR

São vários os nomes dados a arruamentos, pátios e quintas de Lisboa relacionados com o mar: Arco das Portas do Mar, Rua dos Remolares, Travessa dos Escaleres, Travessa dos Remolares, Escadinhas das Portas do Mar, Avenida da Ribeira das Naus, Escadinhas da Praia, Rua dos Mastros, Travessa das Galeotas, Boqueirão da Praia da Galé, Quinta do Galeão, Praça da Armada, Rua do Arsenal, Beco do Forno da Galé, Rua das Gaivotas, Rua da Galé, Quinta das Conchas, Vila da Cordoaria, Travessa da Galé, Rua dos Navegantes, Largo do Mastro, Azinhaga da Maruja, Quinta da Praia, Pátio da Peixeira, Quinta da Maruja, Travessa da Praia, Beco dos Peixinhos, Quinta dos Peixinhos, Travessa dos Pescadores, Travessa da Peixeira, Avenida Praia da Vitória, Azinhaga do Búzio, Quinta das Conchinhas, Rua da Bombarda, Quinta da Armada, Rua dos Bacalhoeiros, Beco da Bombarda, Pátio do Varino, Travessa do Armador, Quinta do Bacalhau, Azinhaga do Armador e Quinta do Artilheiro.

Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF

CURIOSIDADES

Três dos maiores estaleiros do Mundo – Lisnave, Kawasaki e Bahrain – estabeleceram conjuntamente um acordo de reparação que oferece aos armadores um contrato por cinco anos e com preço fixo para a reparação de petroleiros em Lisboa, Bahrain, Kobe ou Sakaide. Possivelmente a Curaçao Dry Docks e um estaleiro americano não mencionado juntar-se-ão a este esquema. Tudo o que o armador tem a fazer é reservar uma doca seca em qualquer dos estaleiros participantes com uma antecedência de seis meses. Este período será reduzido para dois quando o estaleiro de Bahrain estiver em laboração. Um aspecto do esquema é que as flutuações monetárias não afectarão o preço fixado no acordo. Estão estipuladas 25 000 horas de trabalho para cada armador durante um período de cinco anos, mas num ano não podem ser absorvidas mais que 7000 horas.
Em caso de acidente em que o navio necessite de reparação urgente, o armador pode enviar a unidade para o estaleiro mais próximo que participe do esquema.

A fim de se obter uma melhor conservação da fruta, menor perda de peso durante a viagem e maior resistência foram embarcadas em Luanda com destino à Metrópole, a título experimental, 300 caixas com bananas acondicionadas em sacos de plástico.

Está a proceder-se à montagem, no porto de Setúbal – novo cais n.º 5 – de um guindaste-pórtico com potência de 3/6 toneladas. Logo que termine este trabalho será montado um outro do mesmo tipo, mas com a potência de 6/12 toneladas.

A Arctic Oil & Tankers Ltd. encomendou ao estaleiro norueguês Ankerlokken 6 transportadores de asfalto líquido (a 180º C) de 7150 toneladas dw.

Foi adjudicada à Lisnave a reparação do petroleiro «Mobil Pegasus» de 212 000 t dw da Mobil Shipping Co. Os trabalhos envolvem a substituição de 5000 toneladas de aço.

(In «Boletim Analítico da J. N. M. M.» – de Fev. e Julho de 73)

POSSE DO COMANDANTE NAVAL DE MOÇAMBIQUE

No dia 2 de Agosto passado, com a presença de todos os oficiais, sargentos e praças do Comando Naval de Moçambique em Lourenço Marques, o contra-almirante Moura da Fonseca assumiu as funções de comandante naval de Moçambique e de director provincial dos Serviços de Marinha.

Deixou de exercer aqueles cargos o contra-almirante Jaime Lopes.

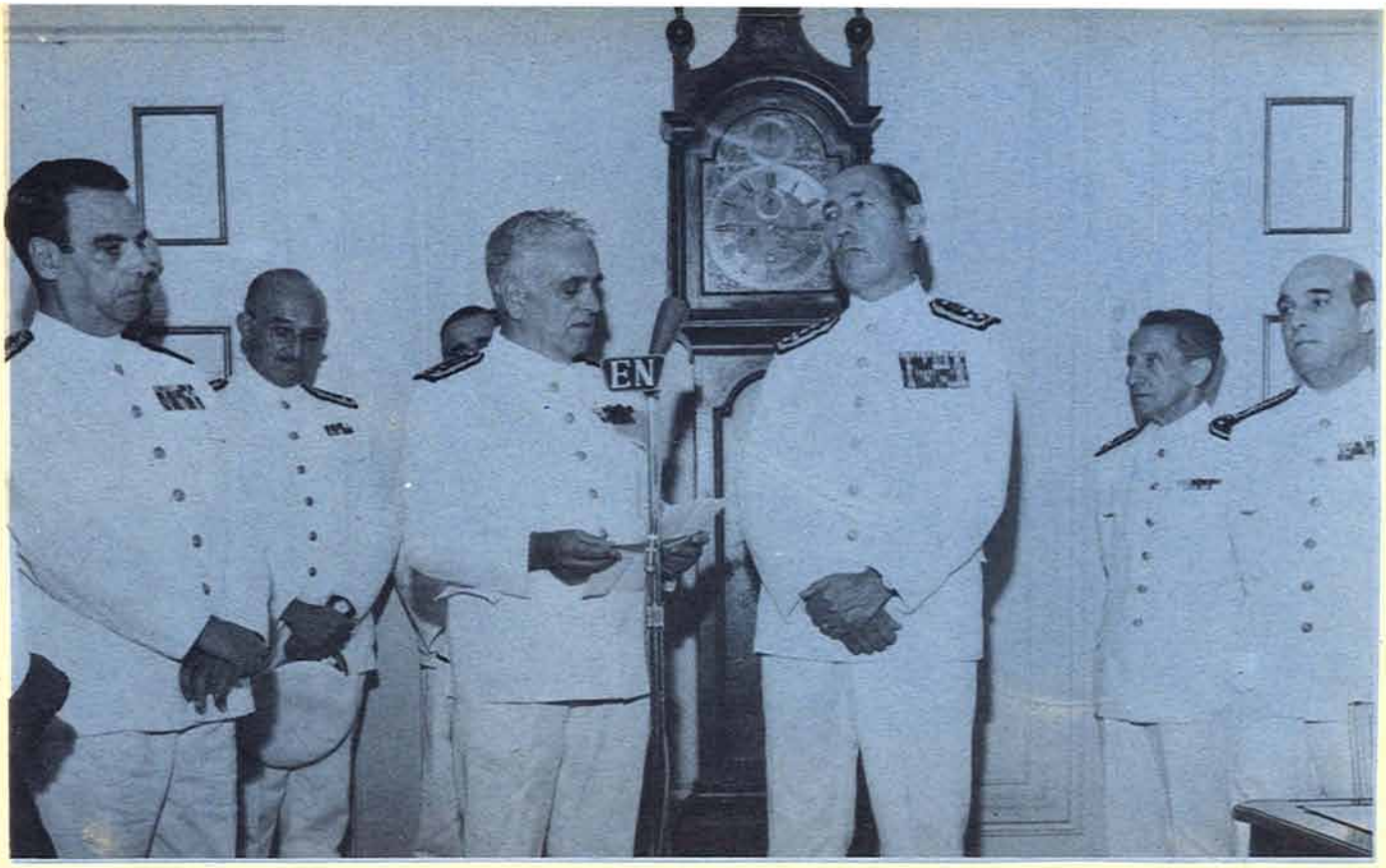
(Colaboração do Comando Naval de Moçambique)

MARINHEIROS COLUMBIANOS EM PONTA DELGADA

Em viagem de instrução de cadetes esteve no porto de Ponta Delgada, em visita oficial, de 23 a 27 de Agosto, o navio-escola «Glória», da Armada columbiana, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Hernando C. Landinez.

Além de visitas protocolares a entidades militares e civis, houve recepção a bordo, passeio pela ilha a oficiais e cadetes com almoço no Hotel das Furnas, oferecido pelo Comando Naval, e foi prestada homenagem aos marinheiros portugueses mortos na I Guerra Mundial, com deposição de uma coroa de flores no respectivo monumento, pelo comandante do navio.

(Colaboração do Comando Naval dos Açores)



POSSE DO VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA

O chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida, conferiu posse do cargo de vice-chefe do Estado-Maior da Armada ao contra-almirante Jaime Lopes. A cerimónia teve lugar no passado dia 28 de Agosto no gabinete do chefe do Estado-Maior da Armada e a ela assistiram vários oficiais generais e superiores da Armada, bem como outros oficiais que prestam serviço no mesmo Estado-Maior.

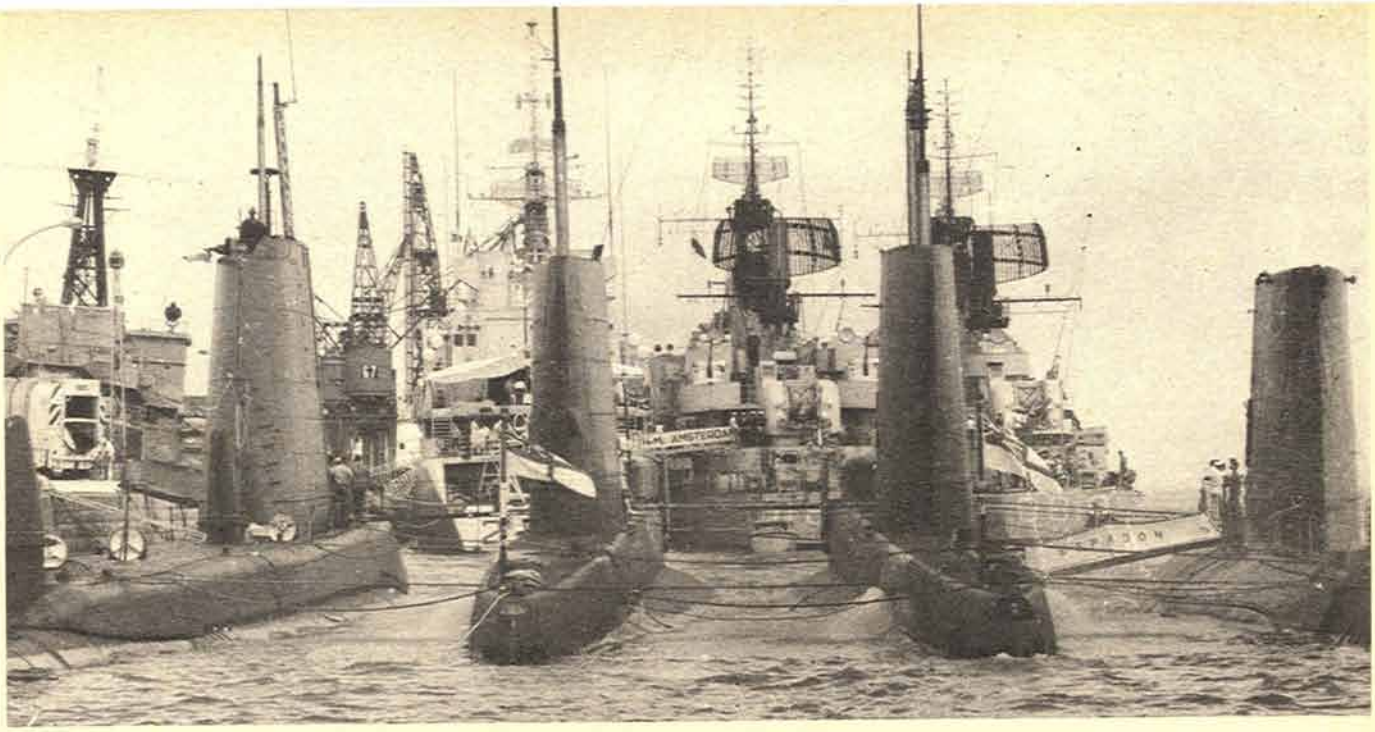
O contra-almirante Jaime Lopes regressou recentemente de Moçambique onde exerceu as funções de comandante naval durante três anos.

A «PERO ESCOBAR» REPRESENTOU A ARMADA NAS COMEMORAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ESCOLA NAVAL TURCA

No dia 6 de Setembro chegou ao Tejo a fragata «Pero Escobar», após uma viagem de cerca de mês e meio para instrução dos aspirantes do Curso Almirante Baptista de Andrade.

A «Pero Escobar», sob o comando do capitão-de-fragata Turíbio de Abreu, visitou os portos de Istambul, na Turquia, Atenas, na Grécia, Toulon, em França, e Cartagena, em Espanha, bem como os de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, nos Açores.

De salientar que a fragata «Pero Escobar» fez parte da representação da Armada portuguesa que, sob a chefia do comodoro Barahona Fernandes, comandante da Escola Naval, assistiu às comemorações do II Centenário da Escola Naval turca, que ocorreu em Istambul, e nas quais estiveram representados 13 países – Alemanha Federal, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Irão, Itália, Holanda, Paquistão, Portugal e Tunísia –, embora só cinco, entre as quais Portugal, tivessem enviado navios de guerra à Turquia.



MANOBRAS AERO-NAVAIS «QUICK SHAVE»

De 7 a 21 de Setembro forças aero-navais da N. A. T. O. efectuaram, nas áreas ibero-atlântica, do Atlântico Leste e do canal da Mancha, o exercício «Quick Shave».

Tomaram parte nestas manobras forças navais de Portugal, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, Países Baixos e Grã-Bretanha, bem como unidades francesas e a Força Naval Permanente do Canal da Mancha. Portugal, a Alemanha, o Canadá e a Inglaterra forneceram as forças necessárias para a efectivação do exercício.

As manobras foram dirigidas conjuntamente pelo comandante-chefe aliado do canal da Mancha, almirante Sir Edwards Ashmore, da Armada britânica, e pelo comandante supremo aliado do Atlântico, almirante Ralph W. Cousins, da Armada dos Estados Unidos. O comandante da área ibero-atlântica, contra-almirante Robert B. Erly, teve a seu cargo o controlo operacional das forças em exercício, enquanto operaram nesta área.

De Portugal cooperaram nestas manobras a fragata «Almirante Gago Coutinho» e o submarino «Albacora», um avião de patrulha naval «Neptune» e quatro aviões de combate «F-86», da Base do Montijo. Também os mergulhadores-sapadores da nossa Armada tiveram acção nas manobras quando as forças navais estiveram no Tejo.

Um falso alarme, provocado por má propagação das ondas electromagnéticas, já na última fase do exercício, pôs em execução todo um sistema operacional de salvamento a «submarino afundado», por não terem sido recebidas as comunicações do submarino «Albacora» e ter sido dado como desaparecido. Imediatamente se iniciaram as buscas, em que colaboraram navios holandeses, canadianos, ingleses e americanos, bem como a fragata «Almirante Gago Coutinho». Todavia, duas horas depois, sabia-se já que o «Albacora» tivera apenas dificuldades nas comunicações.

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA VISITOU O GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA

O chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida, acompanhado do director do Serviço do Pessoal, comodoro Tengarrinha Pires, efectuou no dia 20 de Setembro uma visita de trabalho ao Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, onde foi recebido pelo capitão-de-mar-e-guerra Vosgien de Noronha, comandante da unidade, tendo-se inteirado do seu funcionamento e percorrido demoradamente as diversas escolas e serviços que compõem aquele Grupo de Escolas.

JURAMENTO DE BANDEIRA DE CERCA DE MIL PRAÇAS

No Grupo n.º 1 de Escolas da Armada e sob a presidência do director do Serviço do Pessoal, comodoro Tengarrinha Pires, que foi recebido pelo capitão-de-mar-e-guerra Vosgien de Noronha, comandante daquele Grupo de Escolas, realizou-se no dia 21 de Setembro o juramento de bandeira de 913 recrutas, voluntários e alunos da Reserva Marítima, e de 25 alunos do curso de alistamento, que constituem a 3.ª incorporação de 1973.

A exortação aos alunos foi proferida pelo director dos cursos, 1.º-tenente RN Sousa Santos, procedendo-se em seguida à distribuição de prémios escolares aos alunos mais classificados: Prémio Aprumo Militar, 2.º-grumete recruta n.º 2190/73, Manuel Fernandes Freitas; Prémio Exame Final de Instrução, 2.º-grumete recruta n.º 2394/73, Joaquim Cristino Graça; Prémio Habilitações Literárias, 2.º-grumete RM n.º 8099/73, Arlindo Gomes Alberto; Prémio de Educação Física, 2.º-grumete RM n.º 8105/73, Zacarias Pontes Coentrão.

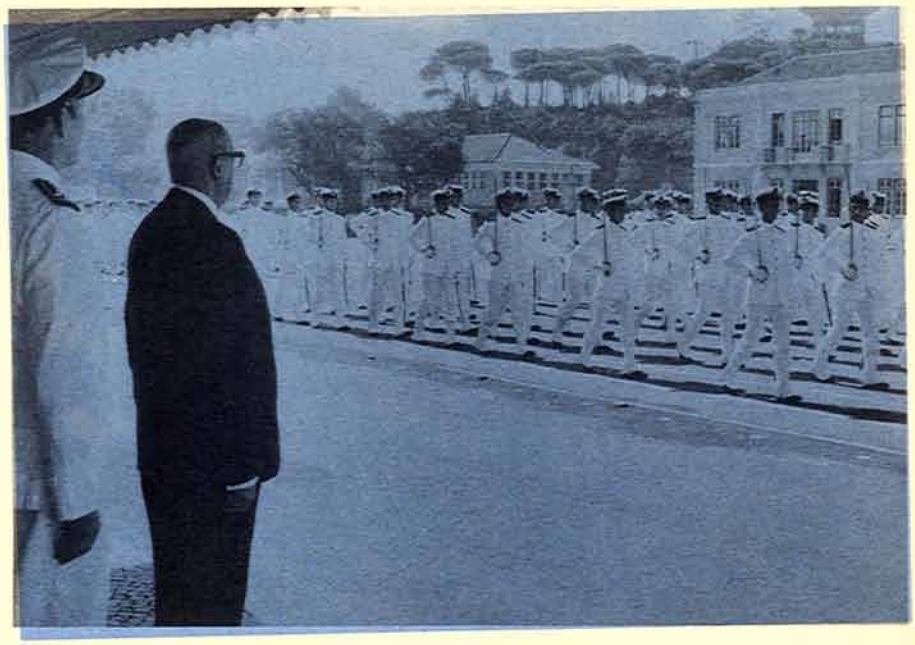
Seguidamente, o 2.º-tenente Cotovio Aires procedeu à leitura dos deveres militares e da fórmula do juramento, que todos os alunos repetiram, terminando com o hino nacional.

Depois desfilou o batalhão escolar sob o comando do capitão-tenente Ferreira Pinto, encerrando-se a cerimónia, a que assistiram muitos familiares dos recrutas, com demonstrações de manejo de armas e de preparação física.

FUTURAS INSTALAÇÕES DOS INSTITUTOS DE TÉCNICAS DE PESCAS E DE BIOLOGIA MARÍTIMA

O ministro da Marinha, acompanhado pelos contra-almirante Almeida Graça, director do Instituto Hidrográfico, contra-almirante Alves Lopes, presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas, comodoro Botelho de Sousa, director do Gabinete de Estudos das Pescas, capitão-de-mar-e-guerra Santos Gaspar. vice-presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas, drs. Rui Monteiro e Bragança Gil, respectivamente, directores dos Institutos de Biologia Marítima e de Técnicas de Pescas, visitou em 21 de Setembro as futuras instalações dos Institutos de Técnicas de Pescas e de Biologia Marítima, localizadas em terrenos do porto de pesca de Lisboa, em Pedrouços, que se encontram na sua última fase de construção, e que ficarão a ser pertença do Ministério da Marinha.

CADETES DA RESERVA NAVAL JURAM BANDEIRA



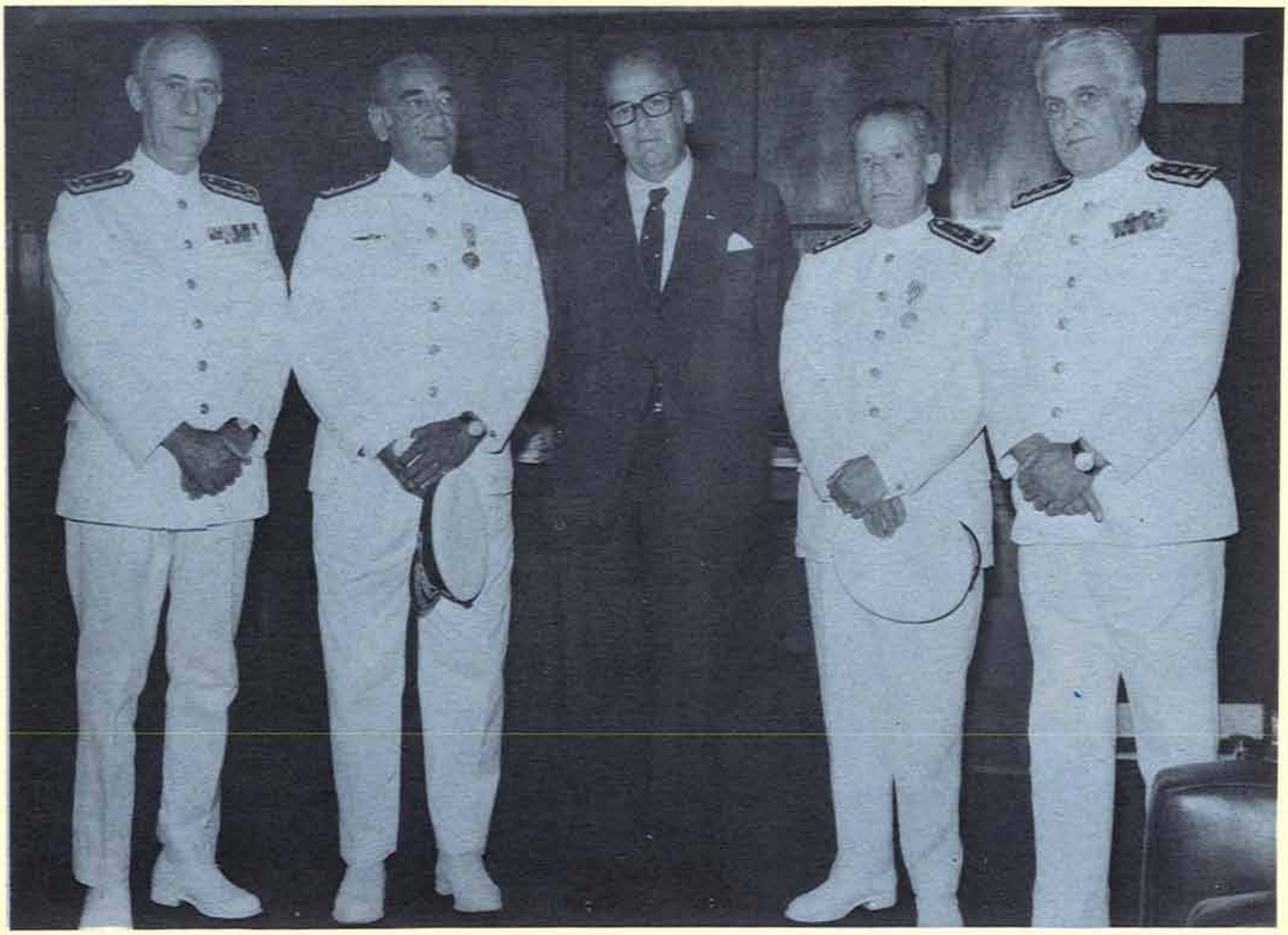
No dia 25 de Setembro realizou-se na Escola Naval a cerimónia do juramento de bandeira de cem cadetes da Reserva Naval do ano de 1973, a que presidiu o ministro da Marinha e a que assistiram o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida, e o superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco, os quais foram recebidos pelo comodoro Barahona Fernandes, comandante da Escola Naval.

O capitão-tenente AN Mário de Aguiar pronunciou a exortação aos cadetes, após o que foi feita a entrega do Prémio Reserva Naval ao cadete Luís Henrique Martins Borges de Almeida. Seguidamente o capitão-tenente Neves Ferreira leu os deveres militares e a fórmula do juramento, repetida por todos os cadetes, encerrando-se a cerimónia com o desfile dos alunos em parada.

NOVO COMANDANTE DO GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA

No dia 27 de Setembro, em Vila Franca de Xira, decorreu a cerimónia da entrega do comando do Grupo n.º 1 de Escolas da Armada do capitão-de-mar-e-guerra Vosgien de Noronha para o capitão-de-mar-e-guerra Almeida d'Eça, que assim passa a desempenhar aquele cargo.

Assistiu ao acto o presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, tendo no final desfilado perante os comandantes cessante e empossado os 2500 homens daquele Grupo de Escolas.



OFICIAIS CONDECORADOS COM A MEDALHA DE OURO DE SERVIÇOS DISTINTOS

No dia 28 de Setembro o ministro da Marinha condecorou com a medalha militar de ouro de Serviços Distintos o contra-almirante Sequeira Araújo e o comodoro Domingos Diogo Afonso, que deixaram de desempenhar, respectivamente, as funções de director do Instituto Superior Naval de Guerra e de intendente dos Serviços de Administração Financeira da Marinha, em virtude de terem sido transferidos para o Quadro da Reserva.

Assistiram ao acto o vice-chefe do Estado-Maior da Armada, contra-almirante Jaime Lopes, o chefe do gabinete do ministro, contra-almirante Monteiro de Barros, e os oficiais que prestam serviço neste gabinete.

A «SAGRES» REGRESSOU AO TEJO

Após 90 dias de viagem regressou ao Tejo o navio-escola «Sagres», onde 60 cadetes do Curso Sacadura Cabral fizeram a sua primeira viagem.

O navio, sob o comando do capitão-de-fragata Ferreira da Costa, que havia largado de Lisboa a 18 de Junho, esteve na Espanha (Vigo), França (Havre), Alemanha Federal (Hamburgo), Inglaterra (Londres e Cowes) e finalmente no Funchal.

Em Londres, a permanência da «Sagres» revestiu-se de carácter oficial, incluída nas comemorações do VI Centenário da Aliança Luso-Britânica, tendo, ainda, os cadetes participado no encerramento das actividades escolares da Escola Naval de Dartsmouth.

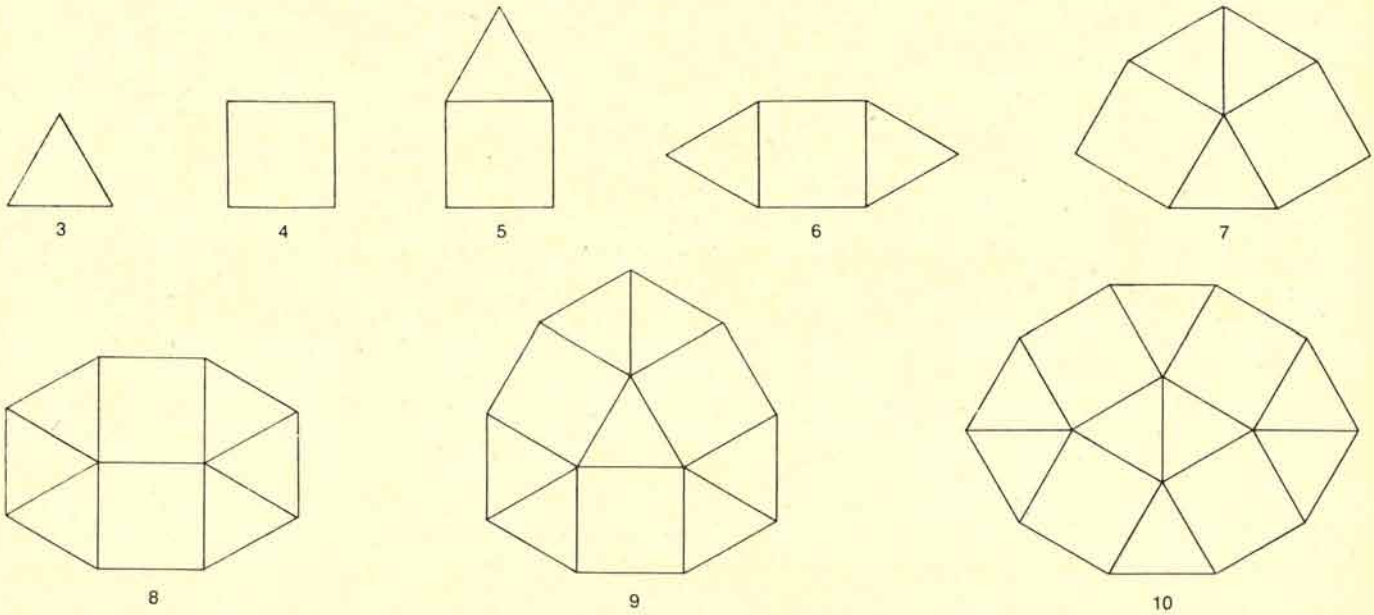
quarto de folga

PROBLEMAS PARA ENTRETER

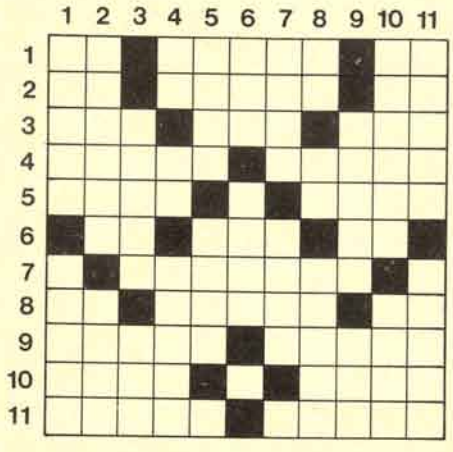
Apresentamos hoje, extraídos da mesma mesma publicação que já anteriormente referimos, mais dois problemas:

1. – Eu e minha mulher fomos a uma reunião a que estavam presentes quatro outros casais. Trocaram-se apertos de mão de cumprimentos e, como é evidente, ninguém apertou a mão a si próprio ou à sua esposa ou ao seu próprio marido. Também ninguém apertou a mão mais de uma vez à mesma pessoa. Quando acabaram os apertos de mão, perguntei a cada pessoa, incluindo a minha mulher quantas mãos tinha apertado. Com grande surpresa minha cada pessoa deu uma resposta diferente. Afinal, quantas mãos é que apertou a minha mulher?

3. – Dispõe-se de um número ilimitado de quadrados e triângulos equiláteros de cartão de lados todos iguais. Com estas peças é fácil formar polígonos convexos desde 3 até 10 lados (ver a figura junta).
É capaz de formar um polígono convexo de 11 lados com peças destas? E qual será o maior número de lados que pode ter um polígono convexo formado com peças destas?



PALAVRAS CRUZADAS



(Solução na pág. 34)

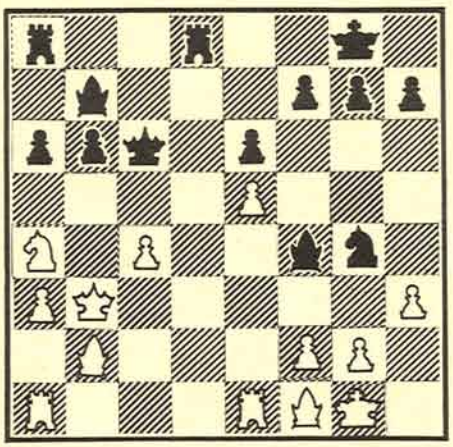
HORIZONTAIS: 1 – Clima; editor judeu do século XV (ap.); chefe supremo de alguns países asiáticos. 2 – Nome de letra; dignidade pontifícia; uno. 3 – Pedagogo; dialecto romântico falado ao norte da França; espaço de tempo. 4 – Forma do verbo ir; raça fina de cavalos. 5 – Espaço celeste; bela e grande ave cinzenta (Bras.). 6 – Símbolo químico da prata; Navio da República Portuguesa; nota musical. 7 – Lançarão fogo. 8 – Preposição; põe orla; parte inferior da perna. 9 – Pernil de porco; arrancar. 10 – Ligar; indicação da época em que se realiza um facto. 11 – Serra de Portugal (Pl.); acontecimentos.

VERTICAIS: 1 – Planta americana; publicista católico francês; 2 – Dar remate; também. 3 – Letra grega; cabelos brancos. 4 – Grande turismo; sufixo; emitira som. 5 – Hospedeiros; imperador romano. 6 – Desce; relativo à boca. 7 – Cercadura; vencimento diário de um soldado. 8 – Feminino de no; duas letras de alto; que tem asas. 9 – Divide em toros; velhice (Fig.). 10 – Rio de Angola; idiota. 11 – Fruto da amoreira; fruto (pl.).

Depois de resolvido este problema, nele encontará o nome de um navio de guerra português.

Carmo Pinto
1.º-sarg. H

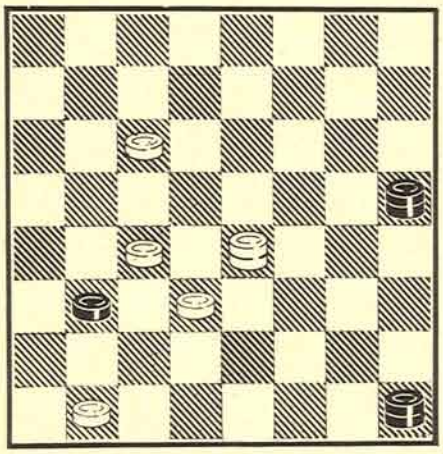
XADREZ



Problema:
As pretas jogam e ganham

(Solução na pág. 34)

DAMAS



PROBLEMA: As brancas jogam e ganham.

(Solução na pág. 34)

MÁXIMAS CHINESAS

Nunca cedas à ira – caso contrário poderás, num dia, queimar a lenha que juntaste com dificuldade em muitas semanas.

Meng-Tsé

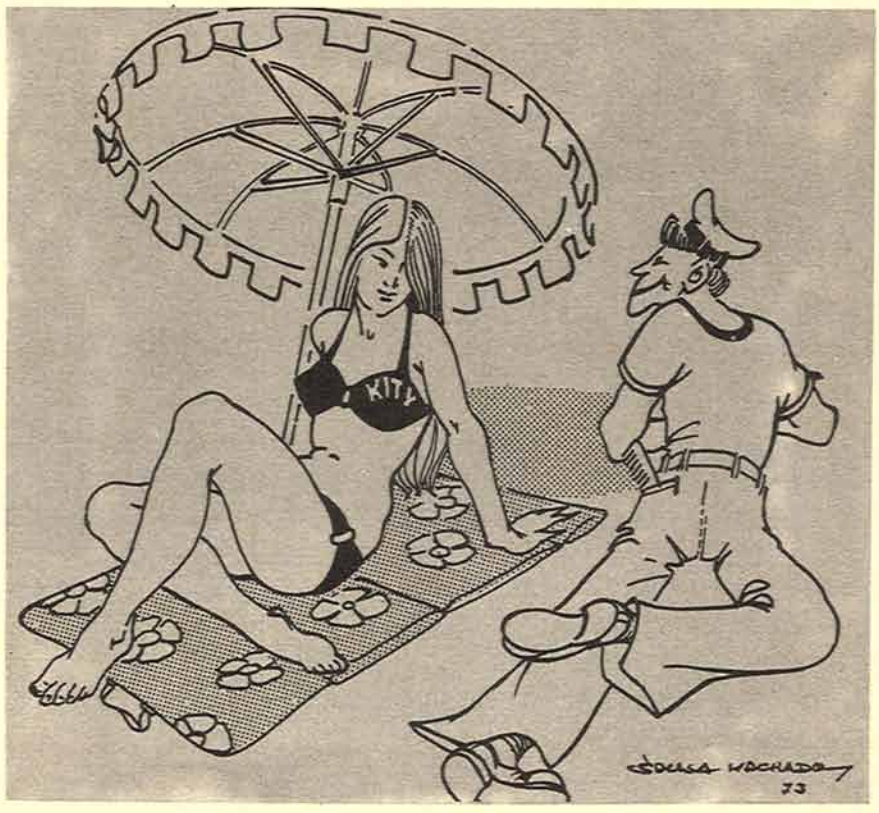
CONCURSO N. 26

Sorteio de um prémio entre as respostas certas

H I O N E R A T N A S O D R A N R E B P
S O E I R O P E R E I R A G O M E S B M
H P O R T O H J S A F O L G A R R L V I
S E D G A R P O E H O M A R I N A S I K
Z I S I C A L R L N L E S A S I E S U S
W O A A G E I G E I H U S T O U P E E W
O P D I U T M E I R A C Z A S F S T L E
D S I G I N A R T A A O E Z H E E P O I
N O N I D E R E O M B R O I L H K P D O
A H I E A C V I C T O R H U G O A O E T
L R Z W R I O S A B C E O P I M H N R S
L O H Z U V Z I P P A I R I E U S Z S O
I O Z N S L E S E I G A T O T U M E E D
A E R A P I R T L O E R A M O N A R V R
V F A F A G A T I N H O S O Z I I N L O
R I F E R N A N D O N A M O R A L E A D
E S S T A D I T O S O L E M O S L I O E
G A Z S O D E S M O N D M O R R I S O F
O L H A O L H A Z I T A T E U S W I I P
R A V E I R O P P O I O B M O C A R N E

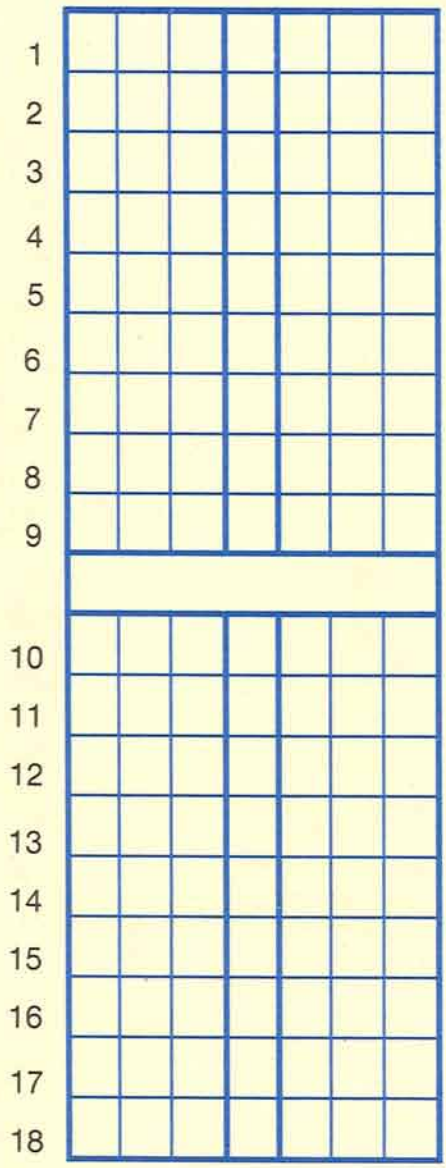
Procure em todos os sentidos, menos obliquamente, o nome de 15 escritores nacionais e estrangeiros.

Dinis, 1588/71/mar. L



– E a outra, como e que se chama?...

PILHA DE PALAVRAS



1 – Abarcar. 2 – Sondar. 3 – Caminho. 4 – Agregado. 5 – Escaparate. 6 – Acatar. 7 – ligação. 8 – Marejado. 9 – Trepar. 10 – Facho. 11 – Capturar. 12 – Projectado. 13 – Acometido. 14 – Cântaros. 15 – Adocicado. 16 – Aquático. 17 – Altercar. 18 – Inventariar.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome dum escritor e historiador português. Este passatempo apresenta a particularidade das palavras se iniciarem pela letra «A».

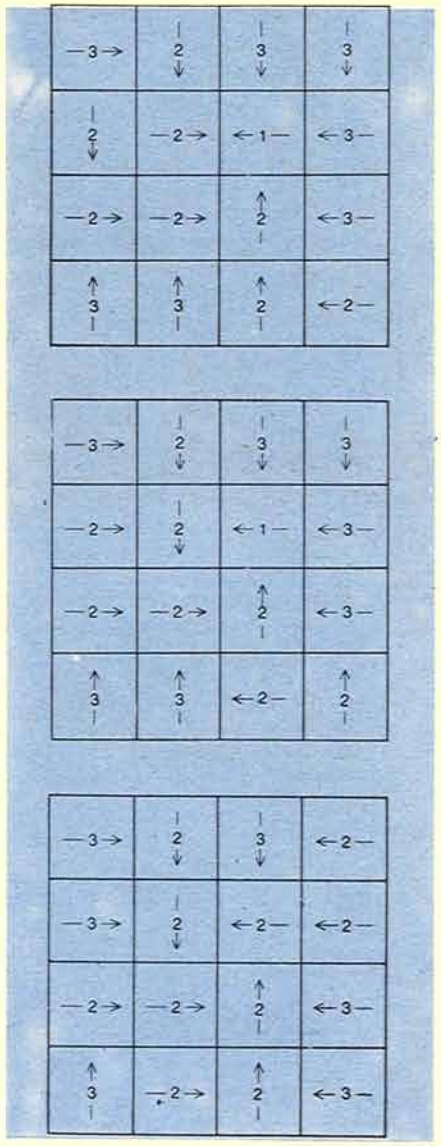
Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF

SOLUÇÕES

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Solução do problema publicado no número anterior)

1. – As três maneiras de formar percursos de comprimento máximo no tabuleiro de 4x4 quadrados vão indicadas na figura junta.



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Ar; Gacon; Ca. 2 – Ge; tiara; um. 3 – Amo; oil; ano. 4 – Vamos; Alter. 5 – Eter; tona. 6 – AG; NRP; ré. 7 – Atearão. 8 – Em; orles; pé. 9 – Lacão; sacar. 10 – Liar; data. 11 – Ossas; casos.

VERTICAIS: 1 – Agave; Hello. 2 – Remata; mais. 3 – Omega; cãs. 4 – GT; or; toara. 5 – Aios; Nero. 6 – Cai; oral. 7 – Orla; prés. 8 – Na; lt; asada. 9 – Atoro; cãs. 10 – Cunene; pato. 11 – Amora; peras.

(N. R. P. «Cunene»)

XADREZ

1-Td3 2-Dxb6
(Se 2:BxT, Dg2 era mate, ou se 2: D x T, Bh2/ch, 3: Rh1 C x f2/ch, etc.).
Txh3;
3.Bd4 (se 3: DxD, Bh2/ch;
4. Rh1, Cf2 - Mate), Bh2/ch;
4. Rh1, Bxe5/ch;
5. Rg1, Bh2/ch;
6. Rh1, Bc7/ch e ganha.

DAMAS

Brancas

1. 4e – 6g
2. 6c – 7d
3. 3d – 4e
4. 4c x 6e x 8g = D

Pretas

5h x 8e
8e x 6c
1h x 5d

PILHA DE PALAVRAS

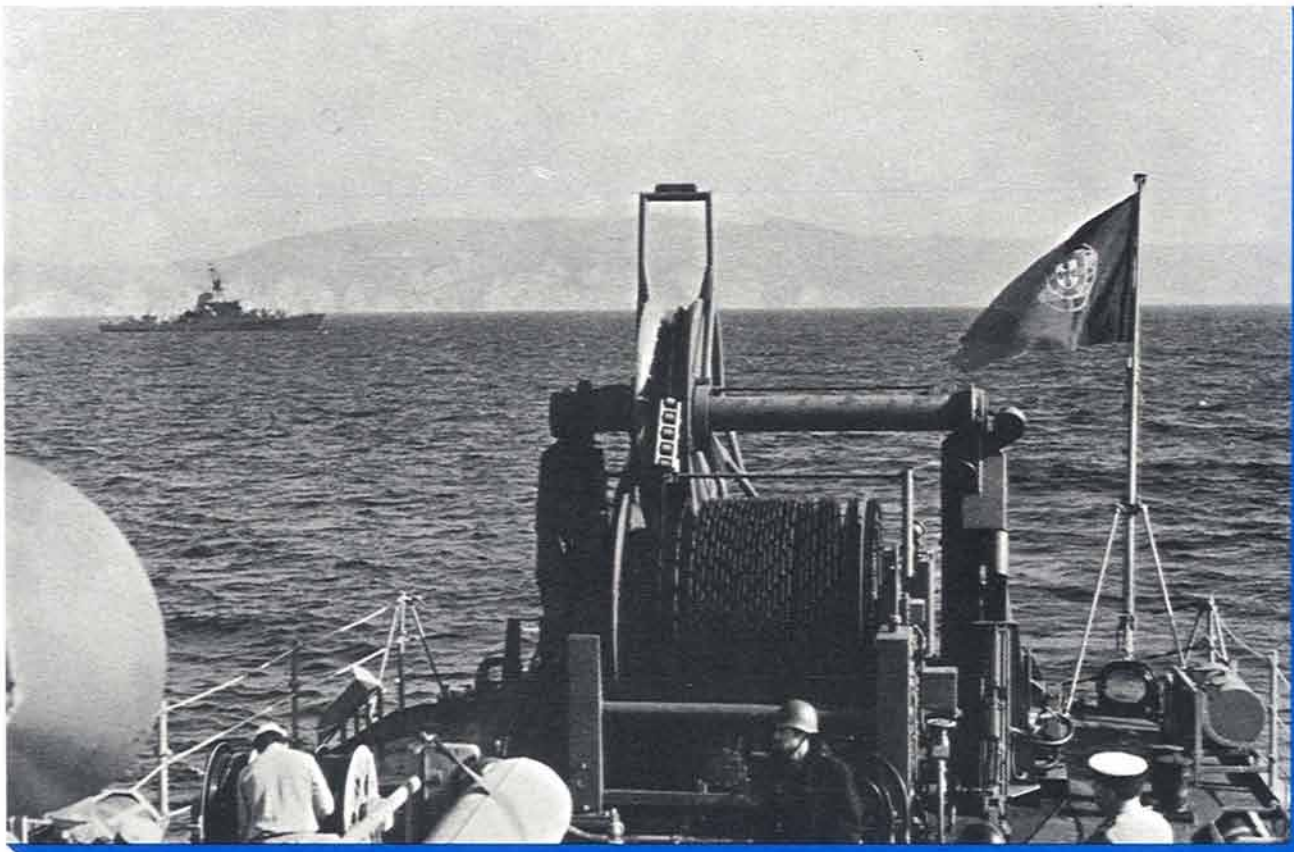
1 – Atracar. 2 – Apalpar. 3 – Artéria. 4 – Anexado. 5 – Armário. 6 – Atender. 7 – Atadura. 8 – Amarado. 9 – Atrepar. 10 – Archote. – – Apresar. 12 – Atirado. 13 – Atacado. 14 – Almudes. 15 – Amelado. 16 – Aquário. 17 – Arengar. 18 – Arrolar.

(Alexandre Herculano)

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 24

Afirmativo.
VENCEDOR: Reinaldo de Almeida Rocha, patrão de salva-vidas. Aveiro

A Vida a Bordo dos nossos Navios



Deixando Sesimbra para novas manobras...

...ao largo, em exercício com um helicóptero.

(Fotos de A. Fernandes, fotógrafo do Gab. de Fotog. do E. M. A.)

Distintivos de Classes para Sargentos

S (sinaleiro)

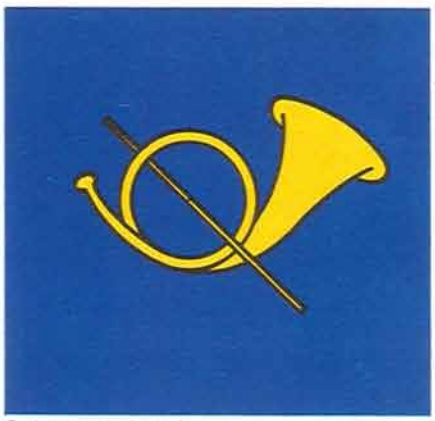
H (enfermeiro)

TF (taifa)

TFD (subclasse de despenseiro)

TFH (subclasse de cozinheiro)

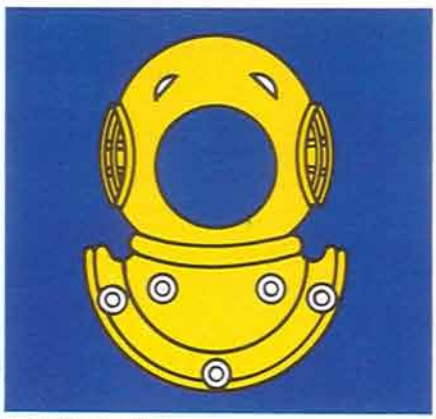
B (músico)



Q (mestre clarim)

L (abastecimento)

V (condutor mecânico de automóveis)



U (mergulhador)

FZ (fuzileiro)

(Auxiliares)

NOTA: ESTES MESMOS DISTINTIVOS QUANDO USADOS POR PRAÇAS SERÃO:
Farda azul – Vermelho sobre fundo azul
Farda branca – Azul sobre fundo branco

(conclusão)